

Time FOR YOU



Reese Morrison

Whirlwind, Book 5

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Blue Blood

Tempo para você

Redemoinho

Livro 5

Reese Morrison



Nota do autor

O que pode acontecer em uma única noite?

Este livro começou como uma exploração. Eu estava procurando por mais livros com personagens trans e gêneroqueer, e pensei, por que não escrever um para mim?

Acabei com não apenas um livro, mas seis-FIV e. (Há um segredo que foi retirado da série para uso posterior como um romance mais longo, e alguns outros livros atrapalharam.) Nesta coleção, estou finalmente juntando todas as histórias como pretendia originalmente. Cada história gira em torno de um ou dois dias - um romance turbulento - quando pedaços do passado e do futuro trazem duas (ou três) pessoas a um momento no tempo em que algo acende.

Todos os meus livros apresentam personagens trans e gêneroqueer, mas mais do que qualquer outro, penso neste como uma celebração do amor queer: corpos queer, identidades queer, kink queer e relacionamentos queer.

Espero que este livro sirva de espelho para alguns, para se verem refletidos nas páginas. Para outros, espero fornecer uma janela para outras maneiras de estar no mundo. Vivo em uma comunidade gloriosa de pessoas queer e trans, e é isso que tentei escrever nestas páginas. Espero que você aproveite a jornada comigo.

Leitura feliz!

-Reese



Síнопse

Charlie sabe que ela é muito velha e mal-humorada para alguém como Carla. Ela é jovem, elegante, confiante e, acima de tudo, tão masculino quanto ela. É mais fácil simplesmente ignorar seu flerte e afastar qualquer esperança de algo entre eles. Como seria isso?

Quando Carla a convida para sair, Charlie tem que decidir. Ela pode correr o risco não apenas de confiar em Carla, mas explorar lados de si mesma que ela nunca se atreveu a enfrentar? E se ela o fizer, Carla ainda a desejará?

Esta história contém shibari e submissão pela primeira vez.
(XX, amigas para namoradas, Dom mais jovem / sub mais velha)

Interlúdio

Charlie

– Então, Charlie... Quando Carla passa por aqui? – A voz de Nina parecia inocente, mas Charlie tinha ouvido essa pergunta com muita frequência para cair nessa.

– Não faço ideia, – ela disse rispidamente. Era verdade. Ela não tinha ideia de quando ou se ele iria aparecer, embora ele começasse a subir dois ou três dias por semana, geralmente antes de o bar abrir. Como ele trabalhava em uma escola secundária, ela geralmente terminava por volta das 3h30 e ela tendia a vagar enquanto ela estava montando ou assim que abriam.

Não que ela estivesse prestando atenção ou qualquer coisa.

Nina encontrou os olhos de Charlie. Quando se conheceram, Nina estava nervosa e tímida, mal conseguia fazer contato visual. Agora ela não aguentava merda de ninguém.

Charlie tinha muito respeito por ela. E ela já sabia que não iria gostar do que tinha a dizer.

– Charlie, você sabe que eu te amo e quero que seja feliz...

Sim, ela realmente não iria gostar disso.

- Mas Carla está de ponta-cabeça por você e você não dá a mínima para ele. Você precisa fazer um movimento ou parar de amarrá-lo sozinho.

O queixo de Charlie caiu. – Eu não... Eu não sou... – Ela não tinha ideia do que estava falando. Carla estava de ponta- *cabeça por* ela? Não foi possível. E ela não o estava enganando. Ela sabia que ela realmente não podia estar flertando com ela; era apenas sua personalidade de raio de sol e arco-íris. Era melhor interromper qualquer insinuação antes que Charlie começasse a imaginar coisas que nunca poderiam acontecer.

Fazendo um movimento? Totalmente fora de questão.

– Charlie, ele pode ser bom para você. – Sua voz era baixa e simpática. – Eu acho que vocês podem ser bons um para o outro.

Charlie deu um grunhido evasivo. Carla estava cheia de vida, energia e paixão. Ela tinha muito a dar ao parceiro certo - e para ouvir as fofocas em torno de Whirlwind, ela o fazia regularmente no clube pervertido da esquina.

Ele era aparentemente um Dom, e muito popular.

Razão # 1.394 pela qual as coisas nunca poderiam funcionar entre eles.

Não que ela entendesse tudo o que isso implicava, mas entre seus clientes fofoqueiros e funcionários ainda mais fofoqueiros, ela descobriu o suficiente. Algumas partes soaram... Realmente interessantes. Mas não era para ela.

– Os outros a obrigaram a fazer isso? – Ela rosnou para Nina.

Nina encolheu os ombros. – Eles fizeram... Mas realmente. Eu quero que você seja feliz. Você dá tudo para a comunidade e merece um pouco de felicidade também.

Charlie grunhiu novamente. – Estou bem.

– Charlie apenas... Dê a ele um pouco de seu tempo. Conheça-o.

– Eu dou a ele muito tempo. Ele está aqui praticamente todos os dias.

Nina apertou suavemente a mão de Charlie. Não era algo que ela provavelmente teria feito antes de Angel entrar em cena, mas com sua nova namorada ela era um novo tipo de confiança. Mais quente e mais aberta.

Charlie queria algo assim.

Mas não com Carla.

Isso era impossível.

Capítulo Um

Charlie

Charlie limpou as torneiras mais uma vez, embora elas já brilhassem. Não era como se ela pudesse realmente se esconder de Carla de qualquer maneira. Ele estacionou no bar onde parecia que pretendia se sentar até que abrissem em uma hora.

– Algum plano para este fim de semana? – A voz de Carla era calorosa e otimista. Você podia ouvir o sorriso perpétuo mesmo quando não conseguia vê-lo.

– Estou muito ocupada. Muito trabalho a fazer por aqui. – Era apenas parcialmente verdade. Sempre havia trabalho a fazer e ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha tirado férias.

Depois das sete da noite, porém, ela não tinha planos. Nada que valha a pena relatar a Carla. Por que ele estava mesmo aqui, com seus olhos castanhos risonhos e charme despreocupado?

Charlie sentiu suas bochechas corarem, então ela manteve a cabeça baixa. Ela não conseguia nem olhar para ele sem um formigamento percorrendo seu corpo.

Ela se lembrou de que todo o flerte dele não importava. A maneira como Carla olhou diretamente para ela uma vez e disse que sua torção favorita era corda... Parecia um convite, mas não

podia significar nada. Provavelmente nem era algo que ela gostasse, certo?

Embora ela pudesse ter olhado uma ou duas vezes. Parecia... interessante.

Também parecia que era para pessoas jovens e magras, com corpos flexíveis que se ajustavam a seus gêneros designados.

Charlie era apenas um homem velho e cansado, imaginando coisas que nunca aconteceriam. Ela jogou a toalha no lixo, já que ela não estava limpando nada de qualquer maneira.

Finalmente, ela deixou a segurança do bar e começou a desempilhar as cadeiras das mesas. Carla o seguiu, estranhamente quieta. Ele estava muito perto, trabalhando nas mesmas mesas com ela. O cotovelo dela acidentalmente roçou o lado dele e o calor do contato permaneceu por muito tempo.

Por que ela nunca sabia o que dizer perto dele?

Ele sempre foi tão falante e aberto, flertando facilmente e fazendo amizade com qualquer um que aparecesse. Ele era o sorteio que atraía todos para a noite de curiosidades, e entre as rodadas ele conversava com os convidados como se fossem da família. Ele costumava chegar cedo e ficar até tarde para ficar com ela no bar, contando histórias sobre os adolescentes idiotas na escola onde ele era assistente social ou compartilhando trechos bizarros das notícias. Ele era como um raio de sol, e ela poderia tê-lo ouvido o dia todo. Não que ela fosse dizer a ele.

Na verdade, ela também era muito boa em conversar com as pessoas, embora o fizesse na segurança do bar. Ela aprendeu o truque de ouvir, fazer as pessoas confiarem, e ela podia brincar com pessoas que conhecia bem. Foi completamente diferente da maneira fácil de ser compartilhada por Carla, que trouxe um sorriso ao rosto de todos.

Ela roubou outro olhar enquanto se movia para a próxima mesa. Também havia algo no jeito que ele se vestia que era tão... Bem, ela não sabia. Ele sempre usava camisas de colarinho com gravata-borboleta e suspensórios. Que deveria ter parecido masculino, exceto que os padrões eram todos paisley e listras de flores e rosa. Materiais femininos de uma época passada, em um estilo masculino que o fazia parecer um dândi dos loucos anos 20.

Ele sempre usava chapéus também. Na moda e antiquados, como boinas francesas ou chapéus de jornalista. Ele até usava uma cartola uma noite, combinada com uma jaqueta preta com abas sobre uma camisa de botão cor de pêssego macia. Todo o conjunto a fez pensar em palavras como *elegante*. Embora ela suspeitasse que a palavra *hipster* também se aplicaria. Não que ela estivesse controlando suas roupas ou qualquer coisa.

Ela olhou para cima antes de passar para a próxima mesa. OK, então ela estava notando suas roupas.

Hoje ele vestia uma camisa preta de colarinho com quadradinhos vermelhos e mangas curtas. Ele combinou com suspensórios vermelhos que se curvavam levemente enquanto

traçavam os seios pequenos. Mesmo com o fichário ou sutiã esportivo que ela presumiu que ele usava, eles ainda estavam suavemente lá, atraindo seus olhos. Suas calças apertadas de veludo cotelê vermelho e seu cinto preto grosso não faziam nada para esconder sua cintura suavemente curva ou sua bunda generosa.

Às vezes, quando ela assistia aquele cinto, ela quase se esquecia de respirar. O jeito que era tão predominantemente masculino em torno de uma onda tão atraente de quadris. Era confuso e sexy, ou talvez confuso porque era muito sexy.

Carla não era por quem deveria se sentir atraída, por um milhão de razões. Então, por que ela ficava sempre tão sem fôlego quando ele estava por perto?

Ela notou que sua gravata-borboleta tinha uma cor coordenada hoje, embora as listras diagonais vermelhas e pretas devessem ter contrastado com o padrão quadrado de sua camisa. No entanto, eles não o fizeram porque foram emparelhados de forma intencional. Ela notou que seu pescoço era esguio sob as golas e gravatas-borboleta, delicado contra o estilo masculino.

Naturalmente, ele tinha como acessório um boné preto sob o qual sua franja preta e sedosa fluía, embora sua cabeça estivesse raspada nas laterais. Ela se perguntou por um momento como seria esse contraste. As laterais cortadas seriam pontiagudas ou felpudas? Como as mechas mais longas se sentiriam deslizando por entre seus dedos?

Não, ela não estava pensando nisso. Não importa como seus olhos brilharam para ela sob aqueles longos fios de cabelo.

Agora ele a pegou olhando também. Ele tinha um sorrisinho nos lábios finos, como se soubesse de um segredo que ficaria muito feliz em compartilhar se ela simplesmente perguntasse.

Mas ela não podia perguntar. Ela mal conseguia abrir a boca.

Tudo bem quando eles estavam discutindo negócios. Carla tinha aparecido quatro anos atrás com uma proposta de negócios: ele apresentaria uma noite de trivialidades uma vez por semana e ficaria com metade de todos os lucros além da arrecadação normal de terça à noite. Parecia que valia a pena tentar e mesmo que não funcionasse, não custaria nada a Charlie. Mas tinha sido um sucesso estrondoso, ganhando-lhes não só um dedicado conjunto de trivia nighters e convidados, mas também regulares comprometidos que vieram em outras noites.

No meio, em algum lugar, eles se tornaram... Amigos? Embora nenhum de seus outros amigos fizesse seu pulso disparar assim. Ninguém mais flertou com ela de forma tão escandalosa ou a fez rir tanto. Ninguém mais apareceu aleatoriamente apenas para falar com ela.

Ou ficou tão perto.

Ela mudou-se para a próxima mesa, tentando ignorar a emoção da presença de Carla.

Carla tirou uma das cadeiras. – O assento de Eric, – ele comentou levemente.

Era verdade. As cadeiras desta mesa praticamente tinham crachás para a crescente equipe de curiosidades que parecia estar sempre lá em casais, trios e encontros duplos. Quando Eric entrava com seu namorado, Micah, este era sempre o assento que ele escolhia. Dakota, Ben e Parker pararam ontem à noite para jogar sinuca, embora sempre parecesse preliminares, do jeito que Dakota se esfregou contra os outros dois. Angel praticamente morava no bar, flertando e esperando Nina sair do trabalho.

Claro, Carla era boa amiga deles também, às vezes se juntando a eles para uma refeição antes do jogo começar.

Então, os dois tinham amigos em comum. Tipo. Isso significa alguma coisa?

Finalmente, Charlie chegou ao canto de trás, onde as cadeiras altas estavam empilhadas, ainda tentando se concentrar no trabalho, embora seus pensamentos viessem aos sussurros. Quem diria que seu bar um dia serviria a famílias com crianças? Famílias *homossexuais* com crianças. Mas eles vieram mesmo assim, com seus filhos pequenos e barulho, pedindo frango empanado e batatas fritas e saindo às sete. Ela gostava de ver todos os rostos familiares e muitas vezes parava para conversar quando as coisas ficavam mais lentas.

Era uma das vantagens e desvantagens de ser um bartender. Ela parecia conhecer as histórias de todos, mas eles não conheciam as dela. Não que alguém estivesse interessado de qualquer maneira. Ela era apenas uma velha e seca e o bar era sua vida.

É por isso que ela ainda estava se perguntando: *por que Carla está aqui?*

Na verdade, por que Carla não estava falando? Normalmente ela batiam a mil por hora. Hoje, sem nenhuma palavra para preencher o ar entre eles, ela só conseguia pensar na forma de seu corpo e na maneira como ele se movia no espaço íntimo entre as mesas apertadas.

Ela ergueu outra cadeira, sem olhar na direção de Carla, embora ele estivesse de pé em frente a ela. Ele estava cantarolando uma das músicas que sempre tocava na estação do Spotify que ele recomendava para o bar. Mesmo com um zumbido, sua voz era suave e calorosa, cheia de vida.

Ele estava certo sobre a música também. Quando ela mudou dos CDs antigos para o novo canal, ela começou a ver mais pessoas cantando junto, e até mesmo levantando para dançar às vezes tarde da noite. Isso significa que eles compraram mais cerveja.

Claro, ela não iria mencionar que gostava da música também. Parecia fresco e jovem, mesmo quando ela se sentia tão

velha. Não *velho* como Tom e Frank, que vinham quase todas as noites para relembrar os dias pré-Stonewall. Mas velho demais para se encaixar com os jovens que vinham ao bar com seus pronomes preferidos e excentricidades anunciadas em voz alta.

Gente como Carla.

Ela ainda não entendia muito bem por que Carla usava um nome feminino e pronomes masculinos. Por que não ir simplesmente por Carl, ou usar *ela* - algo que combine? A princípio parecia estranho, mas agora era automático. Ambos pareciam se encaixar nele.

Talvez se ela fosse mais jovem, ela teria feito algo assim. Mudou seu nome ou hormônios ou corpo.

Mas parecia exaustivo. A equipe tinha alfinetes com seus pronomes, e o avental preto que ela jogaria na cabeça em poucos minutos tinha um botão de *ela / ela*.

Às vezes, ela olhava para ele e parecia uma língua estrangeira. Vê-lo lá fez parecer que ela tinha planejado ou algo assim. Escolhi isso.

Ela não tinha certeza disso. Ela tinha que usar o botão?

Esses eram os tipos de pensamentos em que Carla a fazia pensar. Ele dirigia grupos de apoio para crianças trans e não binárias. Ela sabia que se perguntasse a Carla sobre seus próprios pronomes, ele ficaria feliz em responder demoradamente.

Ela provavelmente também poderia perguntar a ele sobre sua ascendência - asiática, europeia e alguma outra coisa, pelo que ela poderia dizer, com sua pele dourada, olhos cinzentos brilhantes sob as pálpebras grossas e cabelo sedoso. Oriente médio? Americano nativo? Mas eles nunca falaram muito sobre coisas pessoais quando estavam começando a se conhecer.

Agora ela sempre se sentia tão calada perto dele, como uma adolescente trôpega.

Eles conseguiram chegar às últimas mesas. As coisas certamente foram mais rápidas com dois pares de mãos. Carla desapareceu do lado de Charlie e disse a si mesma para não olhar para onde ele ia.

Ela não o convidou aqui ou pediu qualquer ajuda. Ela certamente não precisava estar assistindo sua bunda hipnotizante naquelas calças vermelhas apertadas.

Ele era seu empregado pelo amor de Deus. Tipo. Parceiro de negócios? Contratante? Ela principalmente pagava com a gorjeta já fora dos livros, e o resto não era o suficiente para declarar impostos. Eles nem mesmo tinham um contrato, e ela tinha certeza de que nunca havia conseguido seus 19. Então ele não era realmente seu empregado.

O que ainda não explicava por que ele apareceu pouco antes da abertura, quando não era noite de curiosidades. Por que ele estava na sala dos fundos, afinal?

Ele saiu com uma vassoura e começou a empurrá-la para baixo de uma mesa de canto que não havia sido varrida adequadamente na noite anterior. Ela tinha estado muito distraída para notar até que ele começou a empilhar guardanapos amassados e batatas fritas enrugadas. Ele assobiou outra música popular.

– Eu não estou te pagando por isso, – ela estalou. Ela não tinha a intenção de dizer isso. Ela nunca foi tão rude com ninguém.

Nas noites de curiosidades, ele sempre ficava para ajudar na limpeza, embora eles tivessem concordado que ela não pagaria. Embora ela secretamente acolchoasse sua metade da renda da noite para pelo menos cobrir o que ela pagaria a um empregado pelo tempo.

Ele riu alto, seus dentes ligeiramente tortos à mostra e seus olhos faiscando. – Não, Charlie, eu não esperava que você fizesse.

Então ele tirou o chapéu, como se estivesse em algum filme em preto e branco. Com aquela vassoura, ele quase poderia ser Dick Van Dyke em Mary Poppins. Se ela mencionasse isso, ele provavelmente iria começar uma rotina de dança.

– Então por que você está aqui? – Ela estava se sentindo na defensiva. Desequilibrada. Ela sabia que ele não estava ganhando dinheiro como assistente social da escola, mas ele estava bem para o dinheiro e tinha um bom apartamento em algum lugar.

Noite de curiosidades era um show paralelo que ele começou na pós-graduação e nunca parou. – Você precisa de um favor ou algo assim? Porque você não tem que me bajular. Basta perguntar.

– Hmmm.... Suponho que você possa pensar nisso como um favor. – Ele estava sorrindo como se fosse uma piada, no entanto. Não rindo dela, mas convidando-a a se juntar à sua jovi alidade.

Isso só a deixou mais nervosa. – O que é isso?

– Você me daria a honra de se juntar a mim para o jantar?

– O que? – Ela não esperava por isso. Ele não podia estar falando sério. – Como um encontro? Eu não posso. EU...

Ele se aproximou, segurando a vassoura na frente do peito como um buquê de flores. – Sim, como um encontro. E por que você não pode? Sua voz carregava travessura, como se ele estivesse se entregando a ela.

Ela gesticulou vagamente entre eles. – Olhe para nós. Só... Não funcionaria.

Ela pensou que ele iria se afastar, mas em vez disso ele se aproximou, acenando com a cabeça para que ela continuasse.

Sua língua parecia emaranhada em sua boca. Ela nunca disse essas coisas em voz alta. Não ajudou que ele estivesse tão perto que ela quase podia sentir o calor de seu corpo. – Porque estou... Estou velho.

– Quantos anos você tem?

– Mais de cinquenta.

Ele ergueu uma sobrancelha e esperou que ela saísse.

– Cinquenta e um. Isso é mais de cinquenta.

Ele deu uma risadinha. – Nesse caso, tenho quase quarenta anos.

Bem, o que isso significa? Que idade ele tinha?

Ele teve pena dela. – Eu tenho trinta e seis. Portanto, há quinze anos entre nós, quase nada.

– Isso é praticamente uma geração inteira.

Carla revirou os olhos. – Nós dois somos adultos. E caso não tenha ficado claro, acho você muito atraente.

– Você faz? – Charlie poderia ouvir o choque em sua própria voz. Ela não tinha a intenção de falar alto.

– Eu faço. – Ele se aproximou. Seus olhos a devoraram, fazendo-a sentir um formigamento e um desejo.

– Eu... Eu deveria estocar a barra. Nina está atrasada hoje.

– Mas você vai sair comigo?

– Eu não! – Ela não teve a intenção de estourar, mas tudo parecia errado esta noite. Carla não poderia estar falando sério, e ela precisava interromper isso antes que tivesse muitas esperanças. Ela não conseguia nem imaginar como isso funcionaria.

– Eu não quero pressioná-lo se você não estiver interessado. Mas se sua única preocupação são as nossas idades, então não estou nem um pouco preocupado.

– Mas nós também... Olhe para nós! Nós dois somos... – Ela acenou com a mão entre eles.

– Genderqueer? Masculino de centro?

– Macho, – ela resmungou.

– Sabe, você é a última pessoa que esperava dizer isso. Casais como nós vêm aqui o tempo todo, certo?

Ele disse as palavras gentilmente, mas Charlie sabia que ela tinha errado. Ela nunca teria pensado isso sobre ninguém. Uma vida inteira se passou e ela ainda não tinha se livrado daquelas vozes em sua cabeça. – Quando eu estava crescendo, eram butches e femmes, não...

– Quando você estava crescendo? Quero dizer, você estava fora, certo? A reprodução de coisas binárias não morreu na comunidade queer, como... Nos anos 70?

– Eu não estive... Fora por muito tempo. E não na pequena cidade de Arkansas.

– Oh. Eu sinto Muito. Deve ter sido difícil.

– É por isso que me mudei para cá. Recomeçou. – Ela não queria falar sobre isso. Especialmente não com Carla olhando para ela com aqueles olhos líquidos.

– Acho que você se mudou para cá, mas não acho que realmente tenha recomeçado.

Droga. Por que Carla era tão perceptiva? Por que ele a estava fazendo desenterrar todas essas memórias? – Sim, talvez não.

– Então... Alguma outra desculpa?

Ela já tinha sido tão jovem e otimista? – Sim, o bar. Lembra?
– Ela estava sendo ríspida. O que havia de errado com ela hoje?

– É seu início de noite. Praticamente seu dia de folga, já que você nunca realmente tira um.

– Tenho coisas para fazer no meu dia de folga. – Isso era uma mentira completa, e ela suspeitava que Carla sabia disso.

Carla parecia apenas divertida. – Você estava planejando comer hoje à noite? Sei que você está farto das quinze coisas do cardápio aqui, embora sejam deliciosas. Divida uma refeição comigo.

Ela hesitou. Se ele ia continuar pressionando, o quão ruim o jantar poderia ser? Eles poderiam sair, ela poderia dizer a ele por que as coisas não funcionavam, e então as coisas voltariam ao normal.

– Eu... OK.

– Impressionante! – Quando ele sorria assim, era como se o sol nascesse. – Estou fazendo meshaltet feteer e medames ful.

Parecia saboroso e emocionante, a maneira como as sílabas saíam da língua de Carla. Mesmo assim, Charlie se ouviu latindo uma resposta. – O que é aquilo?

– O ful é um molho de fava purê. E o meshaltet feteer é uma espécie de pão em camadas com cordeiro picado dentro. Leva uma eternidade para fazer, mas é tããão bom. Minha avó sempre faz quando eu visito.

Charlie sentiu seu coração palpitar. Carla queria cozinhar para ela. Não apenas cozinhar, mas faça algo especial. Isso soou... Sério.

Então ela percebeu a pergunta que deveria ter feito. Eles estavam indo para o *apartamento* de Carla ? Ela estava pensando em algo casual, como um restaurante. Em algum lugar público. Definitivamente, em nenhum lugar perto de uma cama. Ou até mesmo um sofá.

Ela podia imaginar Carla, esticada decadentemente em um colchão, convidando-a a fazer coisas maravilhosas.

Coisas que nunca aconteceriam na realidade.

Mas, ah, ela queria, agora que era uma possibilidade.

– Você vai amar. Eu prometo. – Carla deu um beijo rápido em sua bochecha.

Ela queria pressionar uma mão para tocá-lo. Esse toque suave de calor já parecia fogo em suas veias. Estar tão perto, sentir o cheiro de seu shampoo e sentir o calor de seu hálito...

Ela já queria mais, mas ele se afastou antes mesmo que ela percebesse que ele estava ali.

Ela ficou enraizada no local enquanto ele pendurava a vassoura na parede, então se espreguiçava luxuosamente, destacando a curva graciosa de sua coluna e a protuberância suave de seus seios.

Ela queria tocá-lo antes, mas agora ela estava queimando com isso.

E igualmente certo de que o que quer que fosse, estaria condenado antes de começar.

– Tenho que chegar em casa para começar a cozinhar, então te vejo às sete!

Então ele tirou o chapéu e valsou para fora da porta.

O que. O. Porra.



Pelo resto da noite, Charlie mal conseguiu se lembrar de um pedido de cliente ou mesmo de servir bebidas.

Ela apenas ficou pensando naquele beijo. Quase não foi um beijo de verdade, apenas um toque de lábios fechados. O tipo de beijo que você daria à sua avó.

Ainda assim, ela encontrou sua mão subindo sorrateiramente para sua bochecha novamente e novamente durante a noite.

Carla a beijou. Carla a *queria*.

Nina estava certa, o que era assustador e emocionante.

Ela só queria ter mais tempo para pensar sobre isso. Ela não tinha certeza se precisava se convencer disso ou se convencer do contrário, no entanto.

Não ajudou que Nina tivesse aparentemente contado para todo mundo, aquela traidora.

Durante uma pausa nos pedidos, o outro barman se aproximou dela. – Ei, Charlie, você descobriu o que vai vestir esta noite? – Ele era fabulosamente, lindamente gay, com o rímel destacando dramaticamente seus olhos e uma camiseta tão pequena que mal aparecia. Ele provavelmente o teria cortado mais curto, mas ela disse a ele que o logotipo WHIRLWIND nas costas precisava ficar.

Ela olhou para ele. – As minhas roupas. – Ela gesticulou para baixo. Calça cargo preta e uma camisa Whirlwind preta. Quando ela saísse do serviço, ela trocaria o avental preto por uma flanela quente.

O barman fez uma careta. – Oh, não, querida. Você tem que se vestir para impressionar. Colarinho bonito com gravata, pelo menos.

Ela resmungou para ele. – Eu odeio gravatas.

– Você gosta das gravatas da Carla, certo?

Ela não ia se apaixonar por aquele. Claro que as gravatas de Carla eram sexy e adoráveis. Isso não significava que ela queria usar um para ela. Ou admitir o quão nervosamente animada ela estava para este... jantar.

Ela encheu duas jarras de cerveja, empilhou os copos e escapou para entregá-los.

Ela recebeu aplausos e assobios quando chegou à mesa.

– Ei Charlie! – Era Parker, recostando-se perigosamente em uma de suas cadeiras. – Ouvi dizer que você está tendo sorte esta noite!

– Eu não estou *tendo sorte*, – ela sibilou. – E eu vou matar Nina.

Taylor abanou a cabeça. O gigante desajeitado era o quieto do grupo. – Nina não nos contou. Ou pelo menos Nina não nos contou *primeiro*. Carla tem postado fotos de tudo o que ele está cozinhando para o encontro, então descobrimos que ele finalmente te cansou. Nina apenas confirmou.

– Ele não... – Charlie cruzou os braços sobre o peito, a bandeja dobrada sob um cotovelo. Ela estava mais divertida do que irritada, embora tentasse não demonstrar. – Por que não tenho mais privacidade?

Eric deu a ela um olhar cético enquanto puxava Micah para o seu lado. Ele era o homem maduro, embora seus olhos brilhassem com humor. – Eu acho que uma pergunta melhor é por que você pensou que já teve alguma privacidade para começar. Você e Carla são o drama noturno que todos nós viemos ver.

Charlie estreitou os olhos. – Você tem apostado nisso, não é?

As cabeças acenaram com a cabeça, suas expressões variando de tímido a travesso. Parker e Dakota trocaram um high five, provavelmente porque ganharam alguma coisa.

– Você sabe, – Dakota acrescentou conspiratoriamente, – só porque Carla é um Dom não significa que ele só gosta de superar.

Essa foi... Uma informação realmente intrigante. – Eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso. – Ela deu a Dakota um olhar severo, embora nada que saísse de sua boca a surpreendesse mais. – Por favor, me diga que você não está apostando no que fazemos na cama.

– Tudo o que estou dizendo, eles se aproximaram, – é que um belo cinto de segurança poderia torná-lo um bicha muito feliz.

Todo o grupo caiu na gargalhada e Charlie gemeu. Quando isso se tornou sua vida?

Foi bom, no entanto. Este grupo era um grupo muito unido e era bom ser incluído nisso. Ela meio que se via como parte do bar, como os copos e os bancos do bar. Ela prestou um serviço. Ela se

recostou e observou enquanto todos os outros encontravam seu felizes para sempre.

Aquela provocação, por mais obscena e ridícula que fosse, significava que ela também fazia parte de alguma coisa. Ela sabia que se importava com todos eles, e era bom saber que eles também se importavam com ela.

Mesmo que fosse tão embaraçoso como o inferno.

Angel colocou a mão em seu braço. – Apenas os ignore. Você faz o que é certo para você. Você dá muito para esta comunidade e todo mundo só quer que você seja feliz.

– Hum, obrigada, – ela finalmente disse.

Ela poderia se ver feliz com Carla? Pode ser. Se Carla ainda a quisesse.

Ela voltou ao bar para preencher o próximo pedido. Talvez se ela se concentrasse o suficiente em atender aos pedidos, ela não teria que pensar nas sete horas se aproximando cada vez mais.



Capítulo Dois

Carla

Carla correu os dedos sobre o buraco em sua cozinha gasta novamente. Parecia um pouco com uma nuvem de tempestade, mas ele não iria deixar isso parecer um presságio. Ele amava esta mesa. Amava seu pequeno apartamento alegre.

Agora ele só precisava de Charlie dentro dela.

Ele se perguntou, pela centésima vez, se deveria ter ido buscá-la em vez de apenas mandar uma mensagem com seu endereço. Ela não havia respondido, mas ele percebeu que ela havia lido.

Ele reorganizou as placas decorativas na mesa. Ele já havia colocado a comida de volta no forno para mantê-la aquecida, mas ela secaria se durasse muito mais tempo.

Ele tentou manter a certeza de que Charlie iria aparecer. Eram 7h30 e eles não haviam combinado exatamente um horário. Seu apartamento ficava a apenas cinco minutos a pé do bar, mas ela poderia ter sido impedida por alguma coisa. Ela poderia até ter ido para casa primeiro para se trocar.

Ele geralmente não ficava tão nervoso em encontros. Ele tinha passado pelas rodadas normais de encontros estranhos em sites de namoro, encontros esquecíveis em clubes e flertes

divertidos com amigos para ver se eles evoluíam para algo mais. Se havia uma faísca, ele tentava. Se não der certo, nenhum dano foi feito. Ele era aberto sobre suas torções e geralmente tinha subs se reunindo para ele.

Charlie simplesmente o tirou do jogo. Ela era tão madura e confiante e... ugh.

Normalmente ele sabia exatamente o que queria em um parceiro. Eles falavam sobre seus interesses, na cama e fora dela, e cenas começavam a se formar em sua cabeça.

Com Charlie, tudo era nebuloso. Ela era tão severa e estóica às vezes que ele pensava que talvez, apenas talvez, ela pudesse ser a pessoa por quem ele trocou. Mas, novamente, ele freqüentemente tinha uma sugestão de outra coisa, algo frágil... Ele adoraria tê-la de joelhos ou decorada com uma corda, seu corpo em êxtase em relaxamento ou ansioso com excitação.

Ele provavelmente estava alimentando esperanças por nada. Na melhor das hipóteses, ela provavelmente era baunilha, e ele ficaria feliz com isso, pensou, se fosse o que pudesse conseguir. Na pior das hipóteses, ela simplesmente não estava nem um pouco interessada.

Às vezes, ele sentia que ela estava apenas brincando com ele. Ela certamente mencionou sua juventude com bastante frequência, embora trabalhar com adolescentes o dia todo

definitivamente o deixasse saber quantos anos ele realmente tinha.

Charlie, entretanto, o fazia se sentir tão estranho quanto seus alunos, sentindo tudo de novo. Com qualquer outra pessoa, ele poderia facilmente mudar de um flerte discreto para o modo Dom, dependendo da pessoa e da situação. Com Charlie, ele não tinha ideia do que queria ou como conseguir.

Ele só sabia que a queria com uma paixão que queimava.

Tudo começou devagar. Ele sentiu uma atração imediata com base apenas na maneira dominante como ela se comportava e no cabelo curto, mas ele o empurrou para trás quando eles se tornaram colegas.

Em vez disso, o que cresceu foi algo mais doce e mais profundo. Ele ficava por perto para conversar com ela depois de fechar e ouvir suas histórias sobre o bar. Sob seu comportamento rude, ela tinha tanta convicção e vida, tantos desafios que ela superou e pessoas cujas vidas ela mudou.

Então ele começou a notar seus olhos. Os lábios dela que ele teve que lembrá-la de colocar bálsamo durante o inverno.

Um dia, no ano passado, ele entrou em Whirlwind, a viu parada atrás da torneira conversando com um cliente regular e descobriu que estava apaixonado.

Só então ele percebeu que não namorava ninguém há meio ano, porque ela era tudo em que ele conseguia pensar. Ele viveu

para aquelas conversas após a noite de curiosidades. Pela maneira como seu rosto se iluminou quando ele entrou na sala antes que ela o enterrasse com cuidado. Pela maneira como ela ficava ríspida e talvez um pouco nervosa quando ele ficava perto demais.

Então, é claro, ele imediatamente começou a fazer papel de bobo. Ele não conseguia decidir se ia ser calmo ou flertar, se manteria a atitude profissional ou se tentaria se aproximar.

Ele tinha certeza de que acabava parecendo ridículo na maioria das vezes. Os outros funcionários o provocavam sem piedade, assim como alguns dos frequentadores regulares que o conheciam do clube de excentricidade da esquina.

Até hoje, ele não tinha certeza de que ela estava interessada. Ele ainda não estava totalmente convencido. Ela o fechava muito rapidamente na maior parte do tempo, correndo para a cozinha e respondendo a ele com monossílabos quando ele chegava perto demais.

Ele teria parado completamente, supondo que ela não estivesse interessada, exceto pela maneira como seus olhos o seguiam às vezes. Ele a pegou no espelho acima do bar olhando para ele, olhos comandantes e cheios de fogo.

Ajudou o fato de todo o maldito bar estar torcendo por ele, e várias pessoas juraram que Charlie corava toda vez que seu nome aparecia.

Ele recebia relatórios regulares toda vez que ela olhava para sua bunda ou olhava para ele com adoração enquanto ele ficava no pequeno palco lendo perguntas triviais.

Isso foi praticamente tudo o que o manteve ativo quando seu flerte acabou. Ele passou meses agonizando por causa de um puxãozinho dela e agora ele estava sentado à mesa da cozinha sozinho.

Ele se perguntou se deveria mandar uma mensagem de texto para ela novamente.

A conversa anterior havia revelado uma série de coisas que ele suspeitava sobre ela, mas não tinha certeza, e ele estava começando a pensar cada vez mais que a rejeição dela não era sobre ele, mas sobre suas próprias inseguranças.

Ele não queria assustá-la, mas talvez ela precisasse de algum incentivo.

Na verdade, ele sabia que ela precisava de muito incentivo. Ela simplesmente pode não estar pronta para aceitar isso dele.

Disse a si mesmo que não teria nenhuma expectativa para esta noite. Apenas uma boa refeição e um tempo que passamos juntos fora do trabalho.

Ele pegou o telefone e tirou uma foto das pequenas tigelas com azeitonas, pão sírio e salada de pepino com queijo feta.
Espero que você esteja com fome!

Lá. Isso foi bom. Amigável e divertido. Encorajador, mas não muito agressivo.

Ele desligou o telefone e decidiu arrumar o quarto. Não que isso precisasse, já que ele saiu em uma onda de limpeza neste fim de semana enquanto criava coragem para pedir para Charlie sair. Mas ele precisava de algo para fazer enquanto esperava, e a cozinha já estava impecável.

Ele começou a alinhar os livros em sua estante, sem realmente vê-los enquanto tentava desvendar os mistérios de Charlie.

Ela era tão abrasiva por fora, tolerando pequenas besteiras e atirando direto do quadril. Mas abaixo disso estava um grande ouvinte que encantou todos os clientes de seu bar. As pessoas abriram seus corações para ela e ela deu aquele conselho de amor duro para endireitá-los, sem nunca ser autoritária. Ele era praticamente o pai arquetípico a cada estranha bebê que arriscou seu caminho.

Enterrado ainda mais profundamente, ele agora tinha cada vez mais certeza, estava uma fragilidade interior. Alguém a machucou e ela nunca se permitiu se recuperar. Carla só percebeu em breves conversas, pequenos momentos de insegurança e solidão que ele tinha certeza de que ela nunca pretendia que ninguém visse. No entanto, em seu âmago estava um pilar de aço de força. A vida pode ter lhe dado limões, mas ela

fez um maldito bolo de limão e plantou um limoeiro para comer com todos os vizinhos.

Levou ainda mais tempo para perceber que Charlie era muito mais tímido e introvertido do que qualquer um poderia pensar apenas de observá-la. Como bartender, ela era divertida e extrovertida, ria com os clientes e divertia-se com as travessuras de seus funcionários. Ela tinha seu schtick baixo e ela era boa nisso. Mas ela nunca compartilhou nada pessoal e ela não tinha amigos fora do trabalho. Quando ela deixou Whirlwind, ela passou um tempo sozinha.

Foram todas essas contradições que atraíram Carla. A dança imprevisível de Charlie de aproximar-se e recuar. Algo disse a ele que ele tinha algo a oferecer a ela, que apesar de ela encolher os ombros sempre que o BDSM surgia, ela poderia estar muito mais interessada do que aparentava. A ideia o manteve acordado até tarde em muitas noites enquanto ele ponderava as possíveis combinações entre os dois, a mão entre as pernas.

Claro, o pacote sexy de Charlie também não doeu. Ele sabia que ela não se via como atraente, mas o fogo era algo sobre aquelas calças de flanela amarrotadas impensadamente e calças cargo sobre aquelas curvas suaves que faziam algo com ele.

Carla era metódico com as próprias roupas, mas ele adorava que Charlie não desse a mínima e desistisse de tentar impressionar alguém. Ele gostou ainda mais que ela estava confortável com seu peso e seu corpo. Ele amava a forma como

sua barriga espessa e seios macios lhe davam uma presença, um espaço robusto no mundo que ela afirmava sem se desculpar.

No entanto, quando ele a olhava nos olhos, às vezes ela corava como uma adolescente em seu primeiro encontro antes de olhar para ele.

Deliciosas, deliciosas contradições.

Sua idade, longe de ser um detrator, era um bônus na opinião de Carla. Sua última namorada era quatro anos mais jovem e nunca se recompôs. Foi exaustivo. Carla gostava de cuidar de seus parceiros - de certas maneiras - mas a incapacidade de funcionar em situações básicas do dia a dia não era atraente ou sustentável.

Com Charlie, ele suspeitou que a situação poderia ser exatamente o oposto.

Havia algo na capacidade de confiança de Charlie que fez Carla querer assumir o controle e quebrar aquela compostura. Para dar a ela uma chance de escapar da responsabilidade e descansar seus fardos. Talvez com a ajuda de uma corda e uma venda. Ele poderia imaginar isso com muita facilidade...

Carla percebeu que ele estava se adiantando novamente. A química estava lá, mas isso não significava necessariamente que ela fosse pervertida.

Ou até mesmo para jantar com ele.

Ele suspirou. Outros quinze minutos se passaram, mas não havia nenhum sinal dela. Ela não respondeu a sua mensagem também.

Ele estava pensando em colocar a comida de volta na geladeira quando a campainha tocou.

Ele ficou tão assustado que deu um pulo e pode ter corrido até o interfone para chamá-la. Totalmente nada legal, mas pelo menos Charlie não estava lá para ver.

Ele esperou impacientemente perto da porta e se lembrou de relaxar. Ele esticou os braços sobre a cabeça e os balançou de volta no momento em que ouviu a campainha anunciando o elevador.

– Por aqui! – Ele esticou a cabeça e gritou no corredor. Havia muitos apartamentos em seu andar e a sinalização pode demorar um pouco.

Quando Charlie dobrou a esquina, ele tentou esconder o sorriso, mas desistiu. Só de vê-la o deixou zumbindo por dentro.

Ela se vestiu para ele com um par de jeans escuros e uma camisa de botão verde escura. Seu peito estava fortemente amarrado, equilibrando seu corpo inteiro e adicionando à sua presença masculina sem apagar totalmente sua feminilidade. Esse espaço intermediário entre os gêneros sempre o excitou, mas Charlie fez sua respiração ficar presa na garganta. Ela se vestiu para *ele*.

Houve um lampejo de um verde mais claro saindo de seu bolso que ele teve quase certeza, quando ela se aproximou, era uma gravata. Quão adorável foi ela ter tirado uma gravata para o encontro e depois se esquecido de colocá-la? Ia ser amassado agora, e ela provavelmente ficaria envergonhada quando percebesse que estava lá.

Seu sorriso cresceu mais amplo.

Ela estava seguindo pelo corredor, praticamente marchando, sua postura confiante e forte. Tão sexy, e ele geralmente não se sentia atraído por pessoas que se apresentavam dessa forma. Inferno, ela poderia até ficar ofendida se ele sugerisse que ela se submetesse. No entanto, esses eram os pensamentos que sempre dançavam em sua cabeça.

Seu cabelo estava molhado, os fios curtos agrupados em pequenas pontas que o faziam querer tocar. Quando eles se conheceram, ela estava quase toda grisalha nas têmporas, mas agora toda a sua cabeça estava salpicada de prata, brilhando na luz do corredor.

Demorou um pouco para lembrar de falar, mas achou que conseguia manter a voz casual. – Entre!

– Oi, – ela disse sem jeito. Seu queixo estava definido em uma borda desafiadora, como se ela o estivesse desafiando a fazer algo. Seus olhos estavam correndo ao redor, no entanto. Ela

provavelmente estava pirando muito mais do que ele, e todos os seus nervos derreteram. Suas defesas espinhosas só o faziam querer envolvê-la e mantê-la segura.

Ele pegou a mão dela, puxando-a em sua direção enquanto estendia a mão atrás dela para fechar a porta. A manobra os fez praticamente se abraçando, seus corpos a apenas alguns centímetros de distância. Ele não perdeu a respiração de Charlie, e ele sabia que devia estar respondendo da mesma maneira.

Ele planejou levar as coisas devagar. Jantando juntos e conversando para dar-lhe tempo para ficar mais confortável.

Isso não parecia mais certo. Não apenas porque ela estava tão deliciosamente, beijavelmente perto e sua mão estava queimando onde eles se tocavam. Mas porque agora que ele podia ver a ansiedade por trás de sua confiança, ele queria parar.

A coisa que ela disse antes sobre ser dois machos realmente ficou com ele. A princípio, ele pensou que ela estava chocada, mas tinha cada vez mais certeza de que ela estava mais assustada.

Ela era do tipo que gostava de enfrentar os desafios de frente para poder superá-los. Talvez se ele pudesse apenas provar a ela que estava tudo bem, que essa coisa latejante entre eles pudesse ser boa.

Ele só esperava que não estivesse estragando tudo.

Ele se apertou um pouco perto dela na minúscula entrada. Seus corpos estavam se tocando agora, provocadoramente perto

do peito, barriga e coxas, embora suas mãos ainda estivessem entre eles. As costas da mão de Carla roçaram o peito de Charlie e ele podia sentir o calor de seu corpo, mesmo através de todas as camadas que ela estava vestindo.

Eles estavam muito próximos para uma amizade, mas ela não recuou, mantendo-se firme. Ele quase não conseguia acreditar que isso estava acontecendo.

Ele olhou em seus olhos castanhos profundos e falou com uma voz calma e calma. – Obrigado por se juntar a mim em um encontro. Há muito tempo que penso nisso.

Seus olhos se estreitaram, como se ela ainda não acreditasse nele.

Ele se apertou um pouco mais perto dela, lambendo os lábios conscientemente.

Seus olhos correram para baixo para seguir sua língua. A mistura de desejo e preocupação em seus olhos era inebriante. Não porque gostasse que seus parceiros ficassem com medo, mas porque ela estava se tornando tão vulnerável e confiando nele enquanto se inclinava um pouco em direção a ele.

Ele tinha certeza agora que quaisquer demônios que ela estava lutando não eram principalmente sobre ele. Ele recuaria se ela não gostasse, mas isso era mais uma demonstração. Uma chance para ela testar as coisas.

Ele pressionou seus lábios fechados nos dela e o formigamento entre eles se transformou em um raio. Um leve zumbido se formou em sua garganta e seus olhos se fecharam.

Ele estava esperando por isso por tanto tempo, e agora que estava acontecendo era melhor do que ele imaginava.

Charlie derreteu nele, e ele a empurrou contra a porta para equilibrar os dois enquanto o mundo girava. Ele passou a mão pelo cabelo dela, permitindo-se finalmente tocar os fios úmidos. Ele tinha sonhado com isso por muito tempo.

Relutantemente, ele se afastou. Isso foi o suficiente por agora. O suficiente, com sorte, para deixá-la saber o quanto ele queria isso. Como eles poderiam ser bons juntos.

Eles se encararam, os olhos de Charlie escuros e arregalados, cheios de calor.

Então ela se virou, escapando de suas mãos. – Porra.

– Charlie? – Carla deu um passo em sua direção e hesitou, sem saber se ele deveria tocá-la. O que estava acontecendo em sua cabeça? – Podemos conversar sobre isso?

Charlie balançou a cabeça. – Eu... sim. Há muito o que conversar.

Carla se arriscou e tocou seu ombro. – Eu quero ouvir tudo isso. Beijar você foi... Incrível. Melhor do que eu imaginava, e acredite em mim, estou pensando em você há muito tempo.

Charlie olhou surpreso. – Sério?

Não havia razão para esconder isso agora. – Sério. Não namoro mais ninguém há meses porque você é a única pessoa em quem posso pensar. Só não tive coragem de te convidar para sair até hoje. Inferno, eu estava pirando até alguns minutos atrás que você não iria aparecer.

Charlie piscou para ele. – A sério? Você estava nervoso? Você é sempre tão... casual e feliz.

Carla acenou com a cabeça. – Eu estava apavorado. Você está sempre tão severo e controlado. E você me ignora toda vez que eu farto. Achei que não tinha chance. Deus, toda a turma do Whirlwind me provoca pra caralho toda vez que eu vou lá, porque estou todo preocupado com você e você nunca me dá a mínima.

– Você sabe que eles apostam em nós, certo?

Carla revirou os olhos. – Tenho certeza que sim.

– Isso não torna isso mais fácil. – Charlie suspirou. – Eu, hum, não sabia que era assim. E eu não queria te ignorar. Eu só... Eu nunca sei o que dizer perto de você, e sempre pareceu que tudo era tão fácil para você.

– Ha! Se apenas. Acho que estamos tropeçando por aqui juntos. Mas... – Ele se arriscou e tocou a mão dela. – Eu gostaria de resolver as coisas com você.

Charlie deu a ele um olhar penetrante. – Sem promessas. Eu só... Acho que não entendi nada agora.

– Ei, Carla acalmou. – Vamos apenas jantar. Como planejamos. Podemos apenas conversar ou você pode me fazer perguntas. Se quiser compartilhar algo sobre você, quero ouvir, mas sem pressão. Tudo o que estou pedindo agora é o prazer da sua companhia em uma refeição e a chance de ver onde as coisas vão.

– Ok, – Charlie finalmente concordou.

Isso foi tudo que precisou para ter seu coração batendo forte no peito.



Capítulo Três

Charlie

Charlie ficou no corredor, imaginando no que ela tinha se metido. Deus, aquele beijo foi elétrico. Inacreditável.

Seria possível que todo esse tempo ela tivesse entendido errado e ela não estivesse atraída por mulheres femininas, afinal?

Ela sabia que estava esperando Carla há muito tempo. Mas a maneira como ele a encostou na parede, sua forma masculina confiante a prendendo, tirou seu fôlego tanto quanto o beijo.

Ela mal conseguia se lembrar de seu primeiro beijo, além da excitação nervosa de realmente ser capaz de fazê-lo, a emoção de sentir uma bochecha macia contra a sua.

Com Carla, foi mágico.

Parecia transgressor, no entanto. De alguma forma, mais esquisito e desalinhado do que ela já era. Confuso e opressor, embora ela ainda quisesse mais.

Ela ainda não entendia todas as coisas pervertidas, mas talvez, apenas talvez, fosse algo que ela pudesse se permitir querer. Se eles superassem todo o resto.

Carla finalmente deu um passo para trás, mas ele agarrou a mão dela para puxá-la para a sala. Confusa, ela o seguiu.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que ela deu a mão a alguém. Suas últimas memórias foram de unhas pintadas e muito julgamento.

A mão de Carla era confiante e firme, enviando uma gama confusa de sensações através dela. Ela mal conseguia respirar apenas sabendo que suas palmas estavam se tocando, todo o seu corpo em sintonia com aquele pequeno pedaço de pele.

E, no entanto, o que significava quem era Charlie se ela estava deixando Carla conduzi-la até aqui?

Com Carla, tudo era tão... Diferente. Mas *Charlie* era diferente?

Ela poderia viver no mundo de Carla? Ela queria?

Não, ela sabia que queria. Parecia tão terrivelmente distante. Como uma terra de fantasia no final de um mapa do tesouro, com metade dos caminhos desbotados e as placas de sinalização perdidas. Ela queria ser livre e fácil com seu corpo e sua identidade. E, bom Deus, ela queria estar com Carla.

Ela simplesmente não sabia como chegar lá.

Carla parou de andar e Charlie quase esbarrou nele, finalmente se acomodando na mesinha bem arrumada.

Ela parou apenas para olhar. Não era apenas uma refeição. Foi uma festa.

Havia uma dúzia de pequenas tigelas e pratos em uma profusão de cores vivas: cubos vermelhos de tomate, azeitonas

pretas brilhantes, o branco brilhante do queijo, pão sírio torrado e óleo verde brilhante. E essas foram apenas as coisas que ela reconheceu. Havia duas pequenas tigelas com pós diferentes, uma marrom e outra verde-floresta, além de um molho branco espesso e outro castanho-amarelado fino. Tudo parecia delicioso.

Carla deixou que ela o encarasse enquanto ele dava alguns passos para dentro da cozinha e tirava algo do forno.

Com um floreio, ele colocou uma tigela grande de feijão marrom claro, amassado aproximadamente com um rodopio de óleo por cima. Ele voltou um momento depois com uma coisa redonda parecida com uma massa, a massa lascada e brilhante.

– Carla! Você fez tudo isso? – Foi surpreendente. Não a variedade em si ou que Carla a fizera. Mas que ele tinha feito isso por *ela*.

Ele deu a ela seu sorriso fácil característico. – Eu fiz. Quer dizer, eu não ordenei as cabras e fiz o queijo, mas a meshaltet de feteiro leva horas para fazer. Muito rolo de massa e, em seguida, dobrando-a e fazendo de novo. Espero que você goste.

– Tenho certeza que vou, – ela murmurou.

Ela enterrou seu embaraço satisfeito colocando um pouco de tudo em seu prato. Cada colherada apenas reforçava o que ela estava lentamente começando a acreditar. Carla estava falando sério sobre isso. Por alguma razão maluca, parecia ser real.

Ela não estava tendo muitas esperanças ainda, no entanto. Houve um grande salto entre a atração e... Vontade de lidar com todas as suas merdas.

Ela queria falar sobre isso, mas não sabia por onde começar. Sua história, seus problemas... Ela não era como Carla, que sempre foi tão aberta e segura de si. Que tinha palavras para todos os seus sentimentos e também os de outras pessoas.

Ela apenas tentou fazer parecer que sabia o que estava fazendo e confundir as coisas na maior parte do tempo.

Ela deu sua primeira mordida e sabores explodiram em sua língua. A carne picante, a crosta escamosa e a pitada de iogurte por cima se misturaram perfeitamente. – Isso é delicioso.

– Obrigado. – Carla deu um sorriso caloroso. Um sorriso *especial*. Como se isso significasse algo que ela gostava de sua comida. Ou talvez como se *ela* fosse especial.

Ela não tinha ideia do que dizer. Desejo e nervosismo percorriam seu corpo, deixando-a muda e desajeitada.

Felizmente, Carla assumiu a liderança na conversa, como ele sempre fazia. Carla falou sobre os filhos dele na escola e o programa de verão em que ele estava trabalhando meio período, o que explicava por que ele tinha tanto tempo livre agora.

Charlie voltou a falar sobre o bar, compartilhando histórias dos primeiros anos e encontros engraçados com clientes

bêbados, embora ela talvez suspeitasse que ele já tinha ouvido algumas das histórias antes.

Eles estavam viajando por caminhos de conversação que haviam percorrido antes, e parecia relaxado e confortável. Carla era esperta e real, e ela podia se ver caindo no hábito de simplesmente *estar* com ele com muita facilidade. Compartilhando refeições caseiras em uma pequena mesa e rindo juntos sobre seus dias. Ela não tinha isso desde...

Ela afastou o pensamento.

Esta era Carla, que era mais gentil e atenciosa do que Lacey jamais fora. Ela só precisava manter suas expectativas sob controle.

Por fim, ela não conseguiu comer mais nada.

– Ainda não consigo acreditar que você fez tudo isso. – Ela disse enquanto limpava a boca com o guardanapo. – Você disse que sua avó te ensinou a fazer isso?

– Sim. Minha avó imigrou do Egito e conheceu meu avô aqui. Ela cozinhava grandes refeições como esta quase todas as noites. Adoro voltar para visitá-la.

– Você fala... Eu nem sei que língua eles falam no Egito. Você já esteve?

– Árabe. E sim, eu visitei algumas vezes, e passei um ano lá no colégio, mas foi em uma escola britânica. A maior parte da

minha infância foi entre o Japão e os Estados Unidos, no entanto. Mudávamos muito.

– Foi difícil? – Charlie estava começando a perceber que havia muita coisa sobre a qual eles nunca falaram. Quase nada pessoal. E Carla era fascinante.

– Sim e não. Na verdade, eu era aquele garoto louco que adorava se mudar e fazer novos amigos. Nós moramos na Costa Rica por um semestre uma vez e minha mãe disse que eu não sabia cinco palavras em espanhol quando chegamos, mas no final do dia eu tinha uma multidão de crianças organizadas em algum tipo de jogo.

Sim, parecia Carla.

– Perdi dois anos de escola aqui e ali mudando de país, mas isso me deixou mais maduro quando comecei a faculdade. Acho que para alguns alunos a mudança de um país para outro é um verdadeiro desafio, mas tive muitos recursos, educação e oportunidades para ter sucesso. Eu tenho que ver isso mais como uma aventura.

– Foi difícil para você crescer queer nesses países? Quero dizer, como você se identifica?

– Eu acho que teria sido se eu tivesse vivido lá enquanto era mais velha. O Japão era bom para mim quando criança. Morávamos em Tóquio e eu tinha que usar saia do uniforme para ir à escola todos os dias, mas não era grande coisa quando eu

usava roupas de meninos aos domingos. E para ser honesto, demorei um pouco para me descobrir. Pode ter sido diferente quando adulto, porque mesmo com as leis progressivas, a maioria das pessoas não se aprova. Meu pai diz às pessoas que às vezes tem um filho esquisito e eles são educados, mas meio que fascinados porque parece tão raro. Ele está na academia e não acho que tenha contado para a maioria de seus colegas ou supervisores.

Carla fez uma pausa para dar uma mordida e continuou. – Viver no Cairo na adolescência foi muito, muito mais difícil. As mulheres têm que cobrir suas cabeças e isso é muito, muito gênero. Mas eu também era estrangeiro lá. Havia um pouco de liberdade para eu usar roupas mais masculinas porque as pessoas pensavam que eu era um turista americano ou japonês. Eu mantive meus ombros e pernas cobertos, e isso é o que eles estavam mais preocupados com os de fora.

– Fiquei irado com a forma como as mulheres são tratadas, especialmente depois de viver em outros países com muito mais igualdade de gênero. E você pode acabar na prisão por usar uma bandeira do arco-íris, embora eu tenha encontrado alguns aliados. Foi uma experiência de aprendizado, no entanto, e passei bem. Isso me ajuda a me relacionar com muitos dos meus alunos.

Carla encolheu os ombros. – Como adulta, acabei de viver nos Estados Unidos e visitei minha família há algum tempo. Posso seguir os costumes locais por algumas semanas sem desencadear

muito minha disforia e, se ocasionalmente receber calúnias, simplesmente ignoro. Especialmente no Cairo, eu apenas finjo que não falo árabe e vou embora.

Charlie se pegou pensando para responder. Ela meio que pensava que era fácil para Carla. Que ele era tão livre com sua identidade e seus desejos porque cresceu em uma época diferente e nunca conheceu hostilidade ou preconceito. Mas era só ele. Ele era forte e confiante de uma forma que ela apenas fingia ser.

– Seus pais apoiaram você?

Carla acenou com a cabeça. – Todo o caminho. Eles me apoiaram na tentativa de descobrir como estar em cada país e como é isso. Acho que também os ajudou a ter uma perspectiva internacional. Quando você experimenta muitas tradições culturais diferentes, acho que ajuda você a perceber que não existe apenas uma maneira certa de fazer tudo.

Isso fazia sentido. Às vezes, mesmo décadas depois, Charlie ainda se sentia como se estivesse presa na zona rural do Arkansas.

– E você?

Este foi o momento. Ela sentia que devia essa história a Carla, como se ele precisasse ouvi-la antes que continuassem. Mas isso não tornava mais fácil saber.

Quando ela ficou em silêncio por muito tempo, Carla pegou sua mão e levou os nós dos dedos aos lábios dele. Isso foi um gesto estranho. Normalmente era ela quem fazia isso, quem assumia o papel do homem.

Foi assim que se sentiu por todas as mulheres com quem ela fez isso? Para ser amado, desejado e cuidado? Ela não tinha certeza do que fazer com isso. O que isso significa que ela foi menos... O que era? Menos macho?

Mas era sexy também. Carla era um... Cavalheiro parecia a palavra certa. Assumir modos antiquados e torná-los significativos. Como se eles significassem algo. Como se *ela* quisesse dizer alguma coisa.

Carla deu a volta na mesinha, ainda segurando a mão dela. – Vamos para o sofá.

Charlie se levantou automaticamente, seguindo Carla em um emaranhado confuso de ansiedade e antecipação.

O sofá era pequeno, apenas duas almofadas, e coberto com uma manta colorida e uma confusão de travesseiros. Era um espaço muito Carla, acolhedor e convidativo.

Ela sentou-se cautelosamente na beirada, mas Carla a envolveu com um braço e colocou a mão sobre a dela. Parecia... Incrível. Ela dificilmente se permitiria imaginar estar tão perto, e agora que ela estava, era eletrizante.

Ela ficou esperando pelo próximo movimento, por Carla fazer algo sexy e deslumbrante que varreria tudo para longe.

Mas em vez disso, houve apenas o toque suave do polegar de Carla sobre os nós dos dedos. Seu peito sólido pressionado contra seu braço. Não houve palavras entre eles, mas ainda era emocionante. Mágico.

Haveria mais beijos? Ela os queria e os temia.

A respiração de Carla era suave em sua testa, e ela sabia que se erguesse a cabeça, Carla a envolveria em outro beijo sem fôlego. Era tentador. Muito tentador.

E seria tão fácil simplesmente virar e deixar Carla fazer tudo que aqueles olhos pecaminosos haviam prometido por tanto tempo.

Se ela não estivesse tão preocupada com a parte que veio depois dos beijos.

Por fim, Carla puxou-a de volta até que ela estava encostada nele. Foi celestial.

Havia algo novo e reconfortante em ser segurado em vez de ser o único que segurava. Como se Carla fosse forte o suficiente para os dois.

E, secretamente, Charlie gostou da maneira como ele a posicionou onde ele a queria. Provavelmente não era para ser sexual, mas cada centímetro da pele de Charlie estava tão sintonizado com Carla que ela não podia deixar de querer mais.

Mais toque. Mais cuidado. Mais sentindo que ela era a pessoa mais importante no mundo de Carla.

Carla esfregou uma mão firme pelo braço, puxando-a com mais força. Quando ele falou, sua voz era um estrondo baixo, mais sentido do que ouvido. – Eu tenho sonhado em te abraçar assim, você sabe.

– Sêrio? – A ideia enviou um arrepio nervoso por ela, embora ele tivesse dito isso antes. Parecia inimaginável.

– Por um longo período de tempo.

Calor encheu seu peito com o pensamento. Todos os outros com quem ela tinha estado deram uma olhada nela, notaram mais ou menos que ela era um macho, e fizeram um movimento. Ou melhor, fez o primeiro movimento e então esperava que ela fizesse todos os movimentos depois.

Com Carla foi diferente. Talvez fosse apenas o conhecimento de que Carla era uma Dom, o que significava que ela não precisava assumir o controle.

Ou talvez tenha sido nos últimos cinco anos. Todas as vezes que eles riram juntos. A esperança de que, se Carla ia ficar entediada ou irritada com ela, com certeza já deveria ter acontecido de pronto.

Em vez disso, Carla continuava voltando, com seu sorriso fácil e olhos brilhantes, enchendo seu mundo de cor. Carla a conhecia e ele a queria.

Ou pelo menos ele a conhecia tanto quanto ela havia compartilhado.

Pela primeira vez, ela percebeu que queria compartilhar. Talvez fosse uma tolice, mas ela queria confiar em Carla o suficiente para se arriscar. Ela não sabia como tudo isso deveria ser ou como funcionaria, mas a confiança dele a animava.

Ela fechou os olhos e se deixou afundar em seu ombro. Talvez com os olhos fechados fosse mais fácil.

Carla sussurrou contra sua têmpora. – Eu poderia te abraçar assim a noite toda. Se você quiser falar, eu quero ouvir. Se você quiser mais, eu também gostaria. E se você só quiser ficar aqui comigo, ainda assim me sentiria honrado.

Ela não tinha certeza de como ele sempre sabia dizer, mas de alguma forma era o que ela precisava ouvir. Ela não *precisava* falar. Ela não *precisava* fazer nada. O que significava que talvez ela pudesse.

Ela sabia que Carla era terapeuta. Que ele trabalhava com crianças que passavam por todo tipo de merda todos os dias. Merda muito pior do que tudo o que ela teve que lidar. Mas ser abraçada e acariciada assim não se parecia em nada com as vezes em que ela havia tentado uma sessão de terapia.

Havia algo em Carla que era reconfortante. Algo que a fez querer se abrir e compartilhar todas as memórias que foram fechadas, costuradas e trancadas dentro dela.

Com seus olhos fechados, o mundo estava escuro e aconchegante. E por algum milagre, a maldita pessoa mais sexy que ela conhecia parecia pensar que ele a queria também.

– Hum, falar? – Ela finalmente perguntou. – Tudo bem?

– Perfeito. Quero saber tudo sobre você, sempre que quiser compartilhar. – Ele beijou o cabelo dela e se sentiu como um presente.

Ela pretendia manter as coisas reais, apenas se limitar ao básico. Mas não foi isso que saiu.

– Eu cresci em uma fazenda, ela se ouviu dizendo. – Eu era o mais velho de cinco. – Ela não pensava neles há um tempo. Seus irmãos moravam em diferentes estados e tinham suas próprias vidas. Já fazia muito tempo que ela não tinha família ao seu redor.

– Como foi crescer lá? – Carla esfregou o polegar sobre sua mão e Charlie absorveu o carinho e apoio, sua pele ainda formigando em todos os lugares que tocaram.

– Foi um trabalho árduo, mas gostei. Eu amei minha família. Eu sabia que não queria um marido, mas havia mulheres lá que moravam sozinhas. Eu pensei que poderia fazer isso.

Carla acenou com a cabeça encorajadoramente, um movimento suave contra seu cabelo.

- E então... Lacey veio. A família dela comprou a fazenda ao lado e eu não sabia o que fazer comigo mesma. Ela me tinha

enrolado em seu dedo mindinho, e quando ela me pediu para fugir com ela, eu fiz.

Uma imagem se abriu em sua mente. Lacey posando naquele vestido amarelo, sentada na cerca entre suas propriedades e sabendo que Charlie estava olhando para ela. Lacey inventando alguma desculpa para atrair Charlie para mais perto. Charlie, incapaz de fazer qualquer coisa além de obedecer. Perplexa e apavorada e mais feliz do que ela já esteve em sua vida quando Lacey acariciou sua bochecha.

Ela não sabia que era possível que duas mulheres gostassem uma da outra. Ela ficou chocada quando Lacey a beijou nos lábios alguns dias depois. Quando ela tirou a camisa no palheiro e colocou as mãos calejadas de Charlie em seus seios, Charlie quase desmaiou de puro prazer e impossibilidade do toque.

Cada memória tinha a mesma mistura de medo e prazer. Charlie teria ficado feliz com apenas isso, apenas sabendo que alguém no mundo queria seu toque em seu corpo. Mas Lacey sempre quis mais.

Charlie respirou o perfume sutil da pele de Carla e tentou pegar a história. – Eu tinha dezenove anos, recém-saído do ensino médio e não tinha nenhuma habilidade especial. Nós dois trabalhamos merda durante anos, mas eu estava disposto a trabalhar, contanto que ela fosse feliz.

E eles foram felizes naqueles primeiros anos. Pelo menos Charlie pensava assim. Ela se sentia tão confiante e adulta, como se tivesse uma família para sustentar. Ela tinha sido tão pronta no dia em que se mudaram de um minúsculo apartamento para uma casa de dois quartos que era um pouco maior. Comprar uma máquina de lavar foi um sinal de que ela finalmente conseguiu.

Ela voltava para casa todas as noites ansiosa para puxar Lacey em seus braços, toda a pele macia e cabelo bagunçado e roupas íntimas bonitas. Mesmo quando Lacey estava distraída e entediada. Mesmo quando Lacey chegou tarde em casa e não se preocupou em contar a ela. Mesmo quando a faísca deixou lentamente os olhos de Lacey, Charlie ainda estava ansioso para vê-la todos os dias.

– Dissemos às pessoas que éramos colegas de quarto, disse ela com amargura. – O que era a coisa mais segura a se fazer na época. Quando ela estava no trabalho, ela contava a todos sobre seu marido, Charles, e como ele trabalhava muitas horas e não podia conhecê-los. Disse a todos que era solteiro. Dez anos juntos e então ela simplesmente... Me deixou. Disse que precisava de um 'homem de verdade' e saiu pela porta.

Carla não falou, mas ele deu outro beijo em seu cabelo. Ela não tinha percebido o quanto ela precisava daqueles toques casuais. Mesmo sem palavras, ela sabia o que ele estava pensando. Ele nunca esperaria que ela se escondesse. Ele nunca a manteria escondida.

– Nunca saímos para dançar. – Agora que as palavras estavam fluindo, elas saíram mais fáceis. – Não tínhamos amigos em comum. Costumávamos ir de carro a duas cidades só para sair para tomar uma cerveja. Até íamos a igrejas diferentes, quando me preocupava em ir, porque não queria que ela perdesse o emprego. Ela sempre quis algo melhor para ela, e eu achava que isso era uma coisa para se admirar, sabe? Como se ela tivesse objetivos e uma visão. O que ela realmente queria era um marido rico que pudesse levar à igreja.

Ela os viu em todos os lugares juntos depois disso. Lacey parecia relaxada e satisfeita com os braços de outro homem ao redor dela. Lacey grávida e radiante. Quando eles se encontraram, Lacey disse a Charlie que ela encontrou um – homem de verdade – para ser o pai de seus filhos. Alguém que poderia ser um – pai de verdade.

– E dê bebês a ela, Charlie finalmente acrescentou.

– Você queria filhos?

– Eu... Eu nem pensei nisso. – Era verdade, na época. Até que ela viu a barriga redonda de Lacey e percebeu o que ela nunca poderia ter.

Carla virou a mão e entrelaçou os dedos. Charlie olhou para seus dedos entrelaçados. Era assim que os amantes se tocavam. Era quente e relaxante, mas também gostava de muito mais. Ela

deixou a sensação penetrar em sua pele. Foi quase como uma promessa.

– Eu acho que você seria um pai incrível, a propósito. – Carla falou como se fosse um dado adquirido. O que, ela supôs, seria agora. Se ela fosse mais jovem. E menos quebrado. – Já ouvi muitas pessoas falarem de você dessa maneira. Eles o chamam de Papa Charlie às vezes.

Charlie sentiu suas bochechas aquecerem. Ela não pensava em si mesma dessa maneira. No entanto, alguns de seus funcionários regulares eram muito próximos de seu coração. Mesmo quando eles finalmente se mudaram, ela ainda ligou para eles. Ela não podia acreditar que eles a chamavam assim, e foi quase o suficiente para fazê-la flutuar para a próxima parte.

– É por isso que você abriu o Whirlwind ?

– Eventualmente. Levei anos para chegar lá. Depois de Lacey, voltei para meus pais e descobri que meu pai havia falecido. – O calor ardeu em seus olhos. Se ela não tinha planejado falar muito sobre seu ex, ela não tinha a intenção de mencionar isso.

– Minha mãe ainda estava cuidando da fazenda, e ela... Ela disse que já sabia sobre mim e Lacey. Que eu não precisava fugir. – Ela engoliu em seco antes que qualquer outro som pudesse escapar de sua boca.

Ela ainda não tinha certeza do que havia doído mais naquela semana, o abandono de Lacey ou o conhecimento de que ela tinha feito ainda pior para sua família. Seus irmãos cresceram sem ela. Três deles haviam se mudado. Os dois mais novos mal se lembravam dela, esse estranho que deveria ser parente deles. Ela era irrelevante para suas vidas adolescentes. Talvez ela contasse a Carla sobre sua família um dia, mas era mais longe do que ela poderia ir agora.

Ela já havia contado a Carla mais do que a qualquer outra pessoa.

Ela não queria se sentar com esse pensamento, entretanto, então ele continuou. – Morei em casa por alguns anos, trabalhando na fazenda e sendo bartender em um bar da cidade. Não foi tão fácil, porém, voltar a ser solteiro depois de uma década com um parceiro. Eu costumava ir para Little Rock ou Memphis às vezes. Talvez fosse uma viagem de quatro horas, mas havia espaços estranhos ali, se você soubesse onde procurá-los. Casas das pessoas, se você tivesse um convite. Bares, às vezes, com sala separada nos fundos ou uma noite especial da semana. Eles sempre fechavam depois de alguns anos, mas em algum lugar novo sempre se abria.

– Eu nunca peguei ninguém, – ela continuou. – Eu teria medo de fazer a suposição errada. Eu apenas ficava sentado lá, com a aparência de sempre, e se uma mulher me notasse, eu voltaria para casa com ela.

– Então você sempre acabou namorando femmes?

Charlie acenou com a cabeça. – Eu não achei que tivesse escolha. – Mesmo entre casais lésbicos, era tudo o que ela já tinha visto naquela época.

Carla ergueu a mão e deu um beijo nos nós dos dedos. Foi tenro, mas chocantemente excitante. Aqueles lábios suaves apenas roçando sua pele, mostrando sem palavras o que ela poderia ter se tivesse a coragem de alcançá-los.

E, no entanto, Carla não estava iniciando nada. Apenas ouvindo e dando a ela tempo para filtrar tudo isso. Quando o silêncio se estendeu entre eles, Carla finalmente perguntou: – Então, como o Whirlwind começou?

– Minha mãe se casou novamente e o marido odiava a fazenda. Meus irmãos não queriam ficar com ele, eu não conseguia sozinha e não havia outro lugar para onde ir. Quando ela o vendeu, porém, disse que os lucros pertenciam tanto a seus filhos quanto a ela, embora eu não tivesse estado lá por uma década. – Charlie piscou novamente, limpando a umidade de seus olhos. Ela *não* iria chorar.

– Não foi muito, mas foi o suficiente para dar uma entrada e pegar um empréstimo. Eu sabia ser bartender e queria um lugar onde pudesse ser eu mesma e namorar quem eu quisesse. Eu queria fazer esse espaço para todos que não o tinham. É por isso que eu não fui para Nova York ou Los Angeles. Eu queria uma

cidade grande o suficiente para sustentar um bar queer, mas pequena o suficiente para ser um recurso para pessoas que podem estar dirigindo 4 horas para fora das ruas. Gente que não conseguiu chegar às grandes cidades ou talvez não quis.

Carla virou a palma da mão de Charlie e traçou as linhas ao redor dela. Parecia um beijo íntimo e doce. – Você fez exatamente isso. Você sabe, eu até conto aos meus alunos do ensino médio sobre Whirlwind, que eles saibam que está esperando por eles se eles conseguirem sobreviver mais alguns anos.

– Sério? Charlie desviou o pensamento de sua mente, dando boas-vindas à distração. – Temos problemas com menores tentando entrar furtivamente para comprar bebida, mas nunca pensei... Quer dizer, crianças pequenas vêm com seus pais. Mas talvez pudéssemos ter alguns eventos adolescentes? Deixe-os entrar e comer, e apenas cardar as pessoas quando elas fizerem o pedido. – Ela já estava começando a ter ideias.

Carla puxou Charlie apenas o suficiente para que eles pudessem se ver. Seu sorriso era glorioso, e Charlie o colocou lá. – Você iria? Isso seria incrível. Mesmo que seja no início da tarde, eles só precisam de um lugar para ir e ser eles mesmos. – Seu entusiasmo brilhou. Era tão visível o quanto seus alunos significavam para ele, e ela sentiu um brilho em resposta.

Era apenas mais uma coisa que o tornava perfeito.

– Sim, isso é... Você ajudaria com isso? – Ela não sabia ao certo por que se sentia tímida ao perguntar, já que ele sabia qual seria sua resposta. Acontece que isso significaria vê-lo mais, tê-lo por perto mais em seu espaço, trabalhando em algo poderoso e pessoal juntos.

Outra esperança que ele não poderia permitir ir muito longe de si mesmo.

Carla apertou a mão dela. – Eu ficaria honrado. Você sabe que estou lá todos os dias de qualquer maneira.

– Não vejo por quê, resmungou Carla. Ela podia ver claramente o interesse dele agora, mas ela ainda não estava pronta para reivindicá-lo. Ela não queria amaldiçoar as coisas. E havia mais que ela ainda precisava compartilhar.

– Porque você é forte, sexy e carinhosa. Porque acho que há algo entre nós. Porque beijar você tirou meu fôlego e me deixou ávido por mais. E, finalmente, porque você abriu o Whirlwind para poder namorar quem você queria, e eu não acho que você tenha feito isso ainda.

– Eu... – Deus, ele foi franco. Tudo isso era verdade? Ele parecia tão sério.

Pensando em quem ela queria namorar... Ela certamente não tinha namorado ninguém seriamente desde Lacey. Ela teve casos de uma noite quando ela era jovem. Mas sempre foi muito complicado e, mais cedo ou mais tarde, ela não poderia dar a seus

parceiros o que eles queriam. Já fazia uma década desde que ela tentou.

Ela não tinha certeza de que seria diferente agora. Ela não mudou.

Ela poderia admitir que imaginou braços fortes ao redor dela? Que ela queria alguém que fosse firme e no controle, quando ela lutou tanto para ser forte? Quem ela seria?

– Eu não acho que isso vai funcionar. – Ela odiava fazer isso, mas se afastou dos braços de Carla.



Capítulo Quatro

Carla

Carla abriu os braços quando Charlie começou a se afastar. Mas ela parecia tão taciturna que ele não hesitou em puxá-la de volta.

Havia uma grande diferença entre *não estou interessado* e *não acho que isso vai funcionar*. Ele apenas teria que mostrar a ela que poderia.

As dobras soltas de sua flanela se amontoaram, mas não o impediram de sentir o calor de sua pele por baixo. Todos os músculos de seu corpo estavam tensos, mas ela ainda pressionava as mãos dele. Ele ansiava por massagear aqueles ombros musculosos e cobri-la de beijos. Para adorar seu corpo todos os dias até que ela soubesse que era o suficiente.

Ele se perguntou se ela havia contado essa história para mais alguém. Parecia que uma represa estava se soltando. Havia tanta dor e vergonha que Charlie carregava por aí, e ele nunca teria sabido.

Ele poderia dizer que havia muito mais nisso. Longas lacunas preenchidas com tudo o que ela ainda não estava pronta para dizer.

Ele traçou padrões suaves em suas costas, dando-lhe o silêncio que ela precisava até que ela estivesse pronta para se abrir. Apenas observá-la revirar as coisas em sua cabeça e esperar parecia que era um trabalho árduo.

Quando ela ficou quieta por um longo tempo, ele arriscou. Ele soltou a mão dela e segurou sua bochecha. Às vezes, mostrar era melhor do que contar.

Ela o deixou virar o rosto em sua direção, mas não se aproximou. Ela estava claramente em guerra por dentro.

– Você não deveria... Nós não somos...

Carla esperou pacientemente, mantendo sua expressão tranquila e relaxada. Ele trabalhou com alunos do ensino médio o dia todo, muitos dos quais estavam lidando com situações familiares difíceis, além do drama usual da puberdade, então provavelmente não havia muito que Charlie pudesse dizer a ele que o faria quebrar sua calma.

Charlie parecia ter ficado sem palavras, a boca ligeiramente aberta. Mas como eles já estavam tão perto, ele mal teria que se inclinar para dar um beijo em seus lábios macios e ligeiramente rachados.

– Eu não deveria o *quê* porque não era o *quê* ? – Ele perguntou gentilmente.

Charlie soltou um suspiro e desviou o olhar. – Você não deveria me tocar assim porque não estamos... Não estamos certos, hum, juntos.

– Acho que estamos extraordinariamente certos juntos. Diga-me com o que você está preocupado. – Dezenas de pensamentos correram por sua cabeça. Ela poderia ser assexuada. Ela pode estar se recuperando de abuso ou trauma. Havia uma série de coisas que poderiam impedi-la, mas ele estava bastante confiante de que poderia trabalhar com todas elas. Ela era quem ele queria.

Lentamente, ele a puxou em sua direção, dando a ele muito tempo para reagir ou se afastar. Os olhos dela estavam arregalados enquanto percorriam seu rosto com aquela curiosa mistura de medo e desejo.

Ele deu um leve beijo em seus lábios, mas esse não era seu destino.

Ele a puxou contra seu ombro, seus músculos tensos resistindo mesmo quando seu corpo se moveu em direção a ele. – Respire, – ele murmurou. Depois de um longo momento ela o fez, relaxando nele ao expirar.

Ele amava como ela era um pouco mais alta e grossa do que ele, como seu braço mal alcançava seus ombros largos. Isso o fez se sentir poderoso quando ela finalmente deu a ele o peso de seu corpo e seus medos.

Ele ergueu a outra mão e traçou ao longo da linha suave de sua mandíbula. Ela tremeu sob seus dedos, mas seus olhos se fecharam em confiança. Delicioso.

– Você se sente bem para mim, – ele finalmente sussurrou.

Ela balançou a cabeça em desacordo enquanto se aninhava ainda mais em seu peito.

– Você pode me falar sobre isso? – Ele acariciou seu cabelo curto e bagunçado, salpicado de cinza, e a curva de sua orelha. Mesmo com a maior parte de sua atenção nas palavras dela, ele ainda estava maravilhado por, finalmente, poder tocá-la.

Ela não respondeu e ele não empurrou, apreciando a sensação de seu cabelo, macio na descida e com cócegas áspero na subida.

– Nós dois... Quero dizer... Quem é a garota?

Carla demorou um pouco para processar a pergunta. Parecia quase risível para ele, com sua longa história de namoro com homens, mulheres e todas as variações abençoadas entre ou fora desse binário, mas claramente Charlie não tinha essa confiança. Ou mesmo conhecimento, embora fosse surpreendente para a multidão pela qual estava cercada. Tudo devido ao fato de ter crescido na hora e no lugar errados e a besteira normativa de gênero de Lacey.

– Eu não acho que nenhum de nós seja a garota. Eu sou genderqueer o tempo todo. Eu sou um Dom algumas vezes, mas

esse não é um papel de gênero. O que fazemos na cama não muda quem qualquer um de nós é.

Charlie resmungou algo em sua camisa.

– O que é que foi isso?

– Eu-não-tiro-minha-roupa. – Saiu como uma única palavra.

– Você não tira a roupa? – Ele repetiu, tentando ter certeza de ter entendido.

Ela se sentou e se afastou dele. – Eu... Eu nunca tirei minha roupa com ninguém. Apenas, tipo, talvez até a minha camiseta.

Carla encolheu os ombros. – Isso é bom.

Ela parecia atordoada. – Isso é bom?

– Certo. Você pode me dizer como vê seu corpo. Se há partes dela que você não acha que sejam sexuais, também não vou pensar nelas como sendo sexuais. Vou simplesmente ignorá-los e meio que esquecer que eles estão lá.

– O que você quer dizer? – Seus olhos se estreitaram.

Ele pegou o cotovelo dela e o aninhou na mão. Ele gostava do peso, do peso e da redondeza muscular sob a camisa. – A maior parte do sexo está na cabeça das pessoas. E posso controlar o que penso sobre você. Aqui, deixe-me mostrar-lhe. Você acha que seu cotovelo é particularmente sexy?

Ela balançou a cabeça.

– Que tal meu cotovelo?

Ela deu um olhar curioso. – Hum, não realmente.

– Normalmente não, mas é uma escolha que podemos fazer.
Posso te mostrar?

Ela parecia desconfiada, mas curiosa ao assentir.

Com dedos gentis e todo o cuidado que merecia, ele abriu o botão em seu pulso. Ele puxou sua manga solta. Parecia íntimo, importante. A primeira vez em que a despiu.

Ele puxou o tecido e esticou o braço dela. A pele pálida no interior de sua articulação parecia sensível e exposta. E agora que era o foco de sua atenção, muito, muito sexy.

O ângulo era um pouco estranho, já que ele estava sentado um pouco atrás dela, mas funcionaria.

Ele correu um dedo macio por ela, quase sem tocá-la, e observou os olhos dela se arregalarem.

Ele moveu o dedo para o outro lado, apenas o toque de sua unha contra o vinco. Ela respirou fundo.

Então ele baixou a cabeça para o braço dela e deixou um hálito quente tocar sua carne antes de seguir com a língua. Ela estava tremendo até mesmo com aquele pequeno contato e ele não se cansava de observá-la.

Ele beijou seu cotovelo, beijando e chupando, beliscando a pele macia e soprando respirações frescas sobre ela.

Em pouco tempo, Charlie estava ofegante, gemidos silenciosos caindo de seus lábios. Seu próprio corpo latejava de excitação quando sentiu a pele macia dela contra seus lábios.

Quando os olhos de Charlie se fecharam, ele deu uma última mordida apenas para ver a boca dela se abrir de necessidade, e então a acalmou com a língua. Relutantemente, ele recuou.

Levou um momento para abrir os olhos e focalizá-los nele, e ele sentiu uma onda de satisfação. – Veja –, ele sorriu, – cotovelos sexy.

Ele gentilmente puxou sua manga e entrelaçou seus dedos, colocando seu cotovelo entre eles. Até os cotovelos precisavam de cuidados posteriores.

– Da mesma forma, posso simplesmente ignorar partes do seu corpo que não fazem parte de como você deseja se apresentar. Se o seu peito não for uma parte sexual do seu corpo, eu pensaria nele como normalmente pensaria no seu cotovelo. É algo que podemos escolher. – Não seria a primeira vez que ele estaria em um relacionamento como aquele. Frequentemente, acontecia com o namoro com pessoas trans.

– Então você quer dizer, se eu tirasse minha camisa, você simplesmente... Não notaria nada?

– Isso é exatamente correto. Tipo, eu notaria que você não estava usando roupas, mas não ficaria excitada com o que quer que esteja por baixo delas. Bem, talvez eu estivesse em seus

ombros. Deus, adoro olhar para os seus ombros. – Ele amava sua barriga também, mas não ia dizer nada agora. A sociedade tinha tantos problemas com o peso e ele não sabia como ela se sentia a respeito. Essa conversa teria que vir mais tarde.

Ela pareceu surpresa. – Sêrio? Meus ombros?

– Sim. – Ele deu um beijo em um. – Hella sexy. Tão largo e musculoso e... – Ele deu a ela uma mordida de boca aberta através do tecido. Ele não sabia que ela gostava de seus dentes.

– Isso seria... O suficiente para você, então? – O olhar em seu rosto dizia que não tinha sido o suficiente para muitas das pessoas com quem ela namorou. Seu pobre bebê quebrado.

Ele manteve sua voz leve quando respondeu, no entanto. – Certo. Existem muitas coisas sexuais que podemos fazer enquanto você está vestido. Você poderia até me foder se quisesse.

Os olhos dela se arregalaram e ele reprimiu um sorriso. Era adorável como Charlie se cercou de tantas pessoas confiantes e positivas em relação ao sexo, mas não conseguia falar sobre isso sozinha. Ela defenderia até a morte os direitos de qualquer pessoa às suas identidades e torções, mas ainda parecia chocada quando ele disse a palavra *foda-se* com ela na mesma frase.

– Você pensou que eu não iria deixar você me foder porque sou um Dom? – Ele a observou enquanto falava, deixando a palavra proibida ingerir suave e doce em sua língua.

Ela acenou com a cabeça. Seu rubor era lindo, e seu olhar tímido para ele era melhor do que ele imaginava.

Ele precisava ter uma conversa de sexo, mas ele queria seduzi-la com suas palavras enquanto o fazia. Veja a que ela respondeu e a deixe excitada e carente para as possibilidades. Mostre a ela o que os dois poderiam ter juntos.

– Aposto que você é sexy pra caralho com uma cinta. Eu iria chupar você qualquer dia. Basta abrir sua calça jeans e puxar seu pau, em seguida, coloque-o na minha boca.

Seus olhos perderam o brilho.

– E você poderia me curvar e me levar. Sou versátil. – Essa não era uma palavra que ele usava com frequência, mas parecia que se encaixava na dinâmica deles.

– Isso não parece... Uma coisa muito dominante a se fazer. – Ela estava pedindo mais domínio ou apenas curiosa?

– Poderia ser se eu te dissesse exatamente como fazer isso. Apenas como me agradar. – Ele observou seu rosto com cuidado e podia ver a excitação correndo por ela. Ela gostou dessa ideia.

– Ou se você estivesse nisso, eu poderia amarrá-lo para que você não pudesse se mover, e então montar seu pau até eu sair. Você teria que me ver gozar, me sentir esmagando contra você, mas você não seria capaz de me tocar. Você simplesmente estaria lá para eu desfrutar.

Ele poderia dizer que ela estava imaginando isso. Querendo.

– Você gostaria disso, sexy? Seu único trabalho seria relaxar e me deixar fazer tudo. Para me agradar apenas me deixando amarrar você.

– Eu... Acho que sim.

Ele a recompensou com um beijo. Deve ter sido difícil dizer.

– Eu adoraria isso. Acho que você ficaria linda, tudo planejado para mim. Eu quero que você saiba, também, que submeter-se nunca o torna fraco ou menos que seu Dom. Eu sei que você é forte. Isso seria algo que você me deu.

Charlie torceu o nariz. – Acho que já ouvi essa palestra um milhão de vezes no Whirlwind.

Carla deu uma risadinha. – Provavelmente. Mas ainda se aplica a você. É preciso muita coragem para dar o controle a outra pessoa.

– Agora eu gostaria de ter ouvido Dakota, – ela murmurou.

– O que? O que Dakota disse?

– Eles disseram que eu deveria... Você sabe. Venha aqui preparado. Com um... Você sabe. – Ela gesticulou vagamente, seus dedos mal curvados o suficiente para formar o gesto obsceno.

– Um vibrador? Uma pulseira? – Com o aceno de Charlie, Carla riu ainda mais. – Oh Deus. Posso imaginar Dakota dizendo isso a você. – Dakota e seus parceiros eram incorrigíveis.

– Deus, eu me sinto como uma adolescente de novo. Eu deveria ser capaz de dizer essas palavras. ECA. Dakota me disse

para pegar o cinto, definitivamente como parte de alguma aposta estúpida, e eu gostaria de ter feito isso.

Ela parecia irritada consigo mesma e era adorável. Outra espiada sob seu exterior normalmente composto.

Era incrível a mudança que ocorrera nela nos últimos minutos. Quase como se ele tivesse girado alguma chave e aberto uma porta para um Charlie mais genuíno entrar. Este não era seu exterior severo e áspero ou a machucada dolorida e tímida que tinha sido ferida tantas vezes. Esses aspectos ainda estavam lá, mas havia um novo nível de confiança também.

Era sobre apoiá-la em manter suas roupas? Deixando-a saber que ela ainda podia ser masculina e submissa ao mesmo tempo? O alívio de compartilhar sua história e ser aceita como ela foi? Talvez fosse alguma combinação dos três.

Ele não esperava fazer nada com Charlie esta noite, além, talvez, de beijos no sofá. Na melhor das hipóteses, ele estava pensando que eles iriam melhorar depois de alguns encontros, mas ele estaria bem em qualquer lugar que as coisas fossem. Inferno, mesmo dez minutos atrás ele pensava que Charlie iria decolar sobre ele.

Mas se ela estava pensando em qualquer coisa envolvendo um cinto de segurança, ele não diria não.

– É isso mesmo que você quer? Eu não quero empurrar nada para você só porque é algo que eu gosto.

Charlie não respondeu a princípio, mas quando o fez, ela falou com convicção. – Eu acho que... Eu quero tentar isso. Ainda estou descobrindo as coisas, mas... Bem, estou descobrindo as coisas.

Ele deu a ela um momento para pensar.

– Eu já te falei sobre toda a... Coisa do corpo. Mas eu também... Havia uma expectativa de que eu assumisse o comando também, especialmente porque não queria ser tocada. E isso também era estressante. Então, eu simplesmente não dormi com ninguém por um longo tempo.

– Quando você começou a flertar comigo, eu simplesmente não conseguia descobrir como isso funcionaria. Mas a maneira como você explica... Quer dizer, se ainda é o que você quer, eu gostaria de tentar também. Eu só, hum, quero saber se há realmente algo que eu gosto.

Assim que ela disse isso, seus olhos caíram novamente. Mas parecia diferente desta vez. Menos tímido e mais submisso.

Ele ergueu o rosto dela novamente, movendo-se lentamente para que ela pudesse ver suas intenções. – E você quer explorar isso comigo?

– Por favor.

Havia algo nessa única palavra que o atingiu com força. Charlie nem sempre falava muito, o que tornava cada palavra

mais preciosa. Era ela pedindo o que queria, mesmo que ainda não tivesse palavras para isso.

Ele segurou o rosto dela com as mãos, percebendo seu desejo e sua disposição de ser conduzida. Seja qual for a submissão significa para ela, ela estava deslizando para aquele lugar agora.

Ele a beijou duas vezes agora, uma na bochecha e outra nos lábios. Ele adorou seu cotovelo, que era sexy pra caralho, mas mais como uma demonstração.

Ele queria que ela se lembrasse desse beijo para sempre.

Ele roçou os lábios, mantendo as coisas castas e lentas, embora quisesse devorá-la.

Ele explorou seu rosto, conhecendo a forma dela com sua boca, o cheiro de sua pele.

Seus lábios se separaram com outro gemido baixo e ele tomou isso como um convite. Ele traçou seu lábio inferior com a língua, mordiscando e chupando os lugares que havia molhado.

Ela ficou completamente imóvel, deixando-o controlar o beijo, mas ela foi deliciosamente responsiva. Isso era incerteza ou uma submissão natural?

Ele explorou o canto de sua boca e foi recompensado com um pequeno – oh! – Ele se perguntou se ela não tinha estado com ninguém antes que se deu ao trabalho de beijá-la

adequadamente. Ele estava ansioso para mostrar a ela tudo o que ela estava perdendo.

Ele deixou sua língua mergulhar em sua boca e sua respiração rápida soprou em seus lábios. Ele ergueu o outro braço atrás das costas dela para puxá-la pelo fecho, e os dedos dela se apertaram ao redor de sua mão. Ela queria estar mais perto também, mas estava deixando que ele ditasse o ritmo.

Tudo nela era inebriante.

Ela era tão corajosa, mas tão vulnerável. Tão capaz, mas tão disposta a se abrir para ele. E ela era tão sexy com aqueles ombros largos e aquele corte de cabelo sensato.

– Você quer mais? – Ele perguntou. – Isso é suficiente para mim, mas se você quiser continuar...

– Sim.

Isso estava claro.

Ele se jogou no colo dela, esfregando-se contra ela e aprofundando o beijo. Ele não conseguia o suficiente daquelas coxas largas, do jeito que ela gemia embaixo dele e o deixava assumir o controle.

Ele enredou os dedos em seu cabelo curto, segurando-a no lugar. Seu beijo era comandante e devorador, exigindo que ela se rendesse a ele.

Suas línguas lutaram como eles lambiam, o enrolamento em conjunto e, em seguida lançando além apenas para re-acoplar a

um novo ângulo. Seus narizes colidiram e seus dentes estalaram, mas ele não se cansava da dança selvagem entre eles.

Ele se apertou mais perto dela, prendendo-a no sofá. E oh, era bom senti-la se contorcendo embaixo dele e perseguindo seu próprio prazer.

Ele abriu mais a boca para deixá-la entrar, adaptando-se aos ângulos para deixá-la assumir a liderança por um momento. Ela com certeza sabia o que estava fazendo no departamento de beijos quando estava no controle.

Depois de um beijo deliciosamente faminto, no entanto, ela começou a vacilar, um pedido silencioso para que ele voltasse à liderança.

Ele colocou as mãos em volta do crânio dela e acalmou o beijo, tornando-o longo, profundo e interminável. Quando ele se afastou, a respiração dela estava ofegante e ele podia sentir seus próprios pulmões ofegando por ar.

– Sempre que você quiser, bebê, eu sou seu. Podemos demorar o tempo que você precisar ou mover isso para o quarto agora.

Ela riu, já parecendo mais relaxada e excitada também. – Como eu disse, eu deveria ter ouvido Dakota.

Ele gostava desse lado confiante dela. Esse lado que estava resgatando sua sexualidade, mesmo que ela estivesse brincando com as partes sérias disso.

– Se você precisa de um pau, – ele esfregou contra ela, – eu tenho muitos deles. E um arnês que ainda é novo na caixa. – Ele se inclinou para respirar em seu ouvido. – Eu adoraria ver isso em você. Adoraria tirá-lo da sua calça jeans e fazer você se sentir bem. Apenas me diga o que você quer.

– Por favor.



Capítulo Cinco

Charlie

Charlie fechou o zíper da calça jeans e verificou o efeito. Havia uma protuberância perceptível, pressionando contra o jeans como se quisesse escapar.

Quando ela era mais jovem, ela deslizou meias enroladas em sua calcinha para criar uma protuberância suave. Provavelmente era quase imperceptível para ninguém além dela, mas a deixava mais confortável para se vestir todas as manhãs.

Isso não foi sutil, no entanto. Isso era sexo puro.

Ela puxou-o experimentalmente, ajustando-o sob o tecido. Deus, era bom segurar o comprimento grosso em sua mão.

Ela brincou sobre os homens cis por tocarem em seus paus o tempo todo, mas ela podia ver o apelo. Ela se sentia forte. Sensual. Era apenas um pedaço de silicone, mas ela quase se sentiu orgulhosa dele. Orgulhoso do que ela poderia fazer com isso.

Orgulhosa de como, com sorte, ela poderia fazer Carla se sentir bem.

Ela o ajustou novamente e engasgou com a sensação desconhecida. Carla havia preparado tudo para ela, incluindo colocar uma vibração de bala no bolso interno.

Charlie não tinha usado um antes, pelo menos não consigo mesma. Mas ela também não o havia retirado quando o viu.

Estava pressionando contra ela agora, uma pequena crista esfregando contra a parte de seu corpo que teria sido seu pênis se ela tivesse sido construída de forma diferente. Ela pressionou o vibrador para baixo novamente, testando a resposta agradável.

Normalmente era difícil para ela ceder ao seu próprio prazer, mas talvez assim, com seu pau para fora e aquela pequena protuberância escondida atrás dele, ela poderia se soltar. Toda a engenhoca parecia um pouco artificial e boba, mas também parecia incrivelmente certa.

Ela podia se ver dessa maneira e sabia que Carla também podia vê-la. Isso fez a diferença.

Ela enfiou a camisa de volta, sabendo que estava vagando. Ela podia ouvir Carla andando pelo apartamento, provavelmente preparando as coisas.

Essa foi a coisa irritante sobre strap- ons. Eles eram difíceis de colocar e realmente não havia uma maneira sexy de fazer isso. Esconder-se no banheiro assim era realmente a melhor aposta, para que você pudesse sair totalmente vestido e tentar fazer as

coisas parecerem naturais novamente. Era o que ela sempre fez em relacionamentos anteriores.

Parecia estranho, no entanto. Por mais que Carla tivesse tentado torná-lo sexy, isso quebrou o fluxo do que eles estavam fazendo antes.

Sem mencionar que uma coisa era se sentir sexy sozinha em um quarto. Era uma coisa completamente diferente sair com uma ereção em sua calça jeans. Algo melhor por alguns meses em um relacionamento, talvez, quando ela não estivesse se sentindo tão vulnerável.

Ela lutou contra as angústias de volta. Ninguém nunca a entendeu tão bem quanto Carla. Ninguém tinha apenas acreditado em sua palavra quando ela falou sobre seu corpo. Carla, inacreditavelmente, nem parecia incomodada com todas as suas restrições. O desejo em seus olhos nunca se desvaneceu.

Ela ainda não entendia tudo o que Carla queria, como a apresentação se encaixaria em seu gênero complicado. Mas ela ainda estava morrendo de vontade de descobrir.

Se ao menos ela pudesse sair do banheiro.

Ela ouviu passos do lado de fora da porta e, em seguida, uma batida. Oh, Deus. Isso foi ainda mais embaraçoso. Ela estava demorando muito? Carla estava preocupada por não conseguir descobrir ou algo assim? – Só um segundo, – ela gritou, sentindo-se tola. Ela estava muito velha para isso.

– Não tenha pressa, Carla respondeu levemente.

Mas agora Charlie sentia que precisava se mover. Ela girou a maçaneta e deu um passo lento para o corredor. É hora da festa estranha.

Carla a olhou de cima a baixo, a luxúria em seus olhos quando eles pousaram em seu pênis.

Ele deu dois passos em sua direção, e então ela foi pressionada contra a parede, a boca de Carla devorando a dela. Ela se sentiu perdida nas sensações. A língua inquiridora e os lábios molhados de Carla. A coxa de Carla pressionando entre suas pernas e esfregando seu pau com a pressão certa. A mão de Carla apertou seu cabelo curto, prendendo a cabeça para saquear sua boca.

Era pecaminosamente bom ser abraçado assim, sentir a evidência de seu desejo e saber que combinava com o dela. Para sentir toda a sua força e poder dirigidos a seu corpo.

Sua língua brincou com seu palato. Os beliscões em seus lábios foram lentos e decididos, enviando fortes chamadas de desejo por ela antes de serem acalmados com golpes lânguidos.

Ela se derreteu nele, confiando na parede para sustentá-la. Não havia espaço para perguntas ou pensamentos, apenas a urgência grosseira de sua necessidade.

Carla empurrou ainda mais perto, até que foi quase um esforço para seus pulmões encherem. Isso a fez se sentir, não

muito pequena, mas algo assim. Controlada. Capturado. Dominado.

Mas não fraco. Não menos ela mesma.

Algo se encaixou no lugar. Se isso era submissão, ela queria mais. Queria ser o alvo de todas as demandas e desejos de Carla, ser tão necessária que Carla teve de segurá-la no lugar para receber tudo o que tinha para dar.

Ela tinha gostado do beijo antes, tanto de dar quanto de receber. O jeito que eles podiam ser rudes e agressivos um com o outro e então suavemente doce. Ninguém nunca a beijou assim.

Mas ela gostou disso ainda mais. A maneira como Carla a abraçava como se tudo o que tivesse que fazer para agradá-lo fosse se deixar levar pelas sensações que ele arrancava dela.

Carla se esfregou contra sua coxa, e ela podia sentir que ele estava usando um pênis também. Uma pequena parte dela estava confusa, mas principalmente era inimaginavelmente quente. Ela podia imaginá-lo pavoneando-se, pênis duro e pronto, comandando a atenção.

Isso significava que eles eram gays? Era assim que os gays se sentiam uns contra os outros? Ou isso era algo completamente diferente? Algum outro tipo de estranheza que ela não poderia rotular?

Se um cis-homem tivesse esfregado seu pênis nela dessa maneira, teria sido revoltante. Mas com Carla era intrigante.

Sedutor. O contraste entre o toque suave de seus seios e a protuberância dura de seu pênis era eletrizante.

E Carla ainda a estava beijando, sua boca faminta por conhecer e reivindicar cada pedaço dela. Ela ergueu as mãos, dominada pela sensação e apenas precisando *segurar* algo para se manter amarrada.

Suas mãos encontraram o cinto de Carla, aquela larga faixa masculina de couro que sempre atraiu seus olhos. Ela tinha fantasiado sobre aquele cinto. E agora ela estava *tocando*. Foi extremamente íntimo.

Ela correu as mãos para cima e para baixo nas laterais de Carla, sentindo o contraste. A espessura masculina contra a curva suave de quadris e cintura, a forma feminina compelida em linhas retas. Ela se ouviu gemer.

Carla cantarolou e se aproximou, encorajando-a a tocar.

Isso não era nada estranho. Quase fácil.

E sexo nunca foi fácil para ela.

Saber que Carla queria cuidar dela, porém, mudou tudo. Ela não precisava ser agressiva e no controle. E, de alguma forma, ela poderia fazer isso sem tirar a roupa.

Carla pressionou a coxa dele para cima, esfregando-a contra ela, e outro solavanco a percorreu. Tocar em seu próprio pênis era sempre excitante, embora ela não o fizesse há anos. Ter um

parceiro esfregando contra ele, especialmente com aquele dispositivo extra dentro, não apenas se sentia bem. Parecia certo.

Ela empurrou de volta contra ele, perseguindo a sensação. Ela normalmente não deixava ninguém tocá-la, mas era diferente quando ela estava se jogando contra Carla, sabendo que ele podia sentir sua dureza.

Ela deixou suas mãos vagarem pelas costas de Carla, sentindo o calor de sua pele e desejando que ela pudesse passar por baixo de todas aquelas camadas. Sua camisa era fina, mas havia faixas apertadas de algum outro tecido comprimindo seu peito, provavelmente um fichário ou sutiã esportivo.

Ela esperava que ele o tirasse. Eles não haviam conversado sobre o corpo de Carla, sobre como ele se sentia confortável. Ela se lembrou, porém, que não precisava se preocupar com isso.

Ela correu as mãos pelas costas dele novamente. Ela ainda estava se afogando em seus beijos, mas também percebendo tudo sobre ele. Parecia tocar um espelho de si mesma.

Todos com quem ela dormiu antes usavam sutiãs rendados com alças finas. Eles cheiravam a perfumes delicados e usavam blusas de decote profundo para revelar seu decote. Eles a fizeram se sentir forte e masculina através do contraste de sua apresentação feminina.

Com Carla, porém, parecia certo e masculino. Era, de alguma forma, ainda mais estranho, uma combinação improvável de

semelhanças que a deixou mais excitada do que jamais estivera em sua vida. Tocar em Carla era emocionante. Chocante. Tudo o que ela queria e nem mesmo admitiu para si.

No entanto, ela ainda estava preocupada. Alguma resposta arraigada de que ela estava fazendo algo errado. Que ela precisava esconder a si mesma e o que ela queria.

Carla interrompeu o beijo e se aninhou em sua bochecha, pele lisa com pele lisa. – Eu perdi você, bebê. O que está acontecendo?

Ela não teve um aviso de uma amante dela com a desatenção, qualquer um. Carla sempre parecia ver muito dela.

– Besteira estúpida da minha infância, eu suponho. É apenas... Difícil superar isso às vezes. É como... estar com uma mulher é gay, mas isso é... Mais gay?

Carla voltou a olhá-la e deu-lhe outro beijo suave na bochecha. – Mais transgressivo? Ser masculino e feminino ao mesmo tempo, e depois querer a mesma coisa na pessoa por quem você se sente atraído?

– Algo parecido.

Carla sussurrou em seu ouvido. – Isso é parte do que o torna tão sexy, no entanto. Eu te admiro. Eu olho para você. Eu quero ser você e quero estar com você.

– Eu estava pensando que você é como... Um espelho. Quero dizer, não exatamente porque você é jovem e extrovertido e...

Carla a interrompeu com um beijo. – Eu gosto daquela ideia. Que podemos espelhar um ao outro. Que nossa apresentação seja semelhante, porque é isso que nos atrai. Também há algo que podemos dar um ao outro.

– Eu não tenho certeza do que eu te dou.

Carla enfiou o nariz embaixo do pescoço, beijando abaixo da orelha. – Charlie, você me dá tudo. Eu disse que você é o suficiente para mim assim. Apenas sendo você mesmo. Mas se você ainda quer me deixar cuidar de você, se submeter a mim, isso seria um presente maravilhoso.

Charlie debateu. Seria tão fácil se conter. Ela poderia viver dentro de seu manto de medos até outro dia. Outro ano.

Mas assim que ela superou os medos, ela soube que queria isso. Ela pode não confiar em si mesma, mas ela confia em Carla.

– Não, eu quero isso. Eu só... Vou com calma comigo. – Não foi fácil pedir ajuda assim. Para admitir fraqueza.

Ela se lembrou de que isso era diferente. Carla queria que ela se submetesse não por fraqueza, mas como um presente. Ela tinha certeza de que queria isso também.

Carla deu um beijo logo abaixo da orelha. – A única coisa que quero é que você se deixe levar e se divirta. Isso significa ouvir o que você quer e dar a você. Seu único trabalho é me deixar. Tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra e eu pararei.

As pernas de Charlie estavam fracas. Ela acenou com a cabeça. Ela precisava desse lembrete, mas ainda mais, as palavras de Carla estavam começando a pintar imagens em sua cabeça.

– Preparada?

Ela fez uma cara ousada. – Preparada.

Carla a conduziu para um quarto. A cama estava reduzida aos lençóis azul-escuros, mas uma colcha colorida estava dobrada aos pés. O quarto era perfeitamente Carla, colorido e leve, com fotos de rostos sorridentes e arte vibrante.

Um momento depois, ela notou os fios de corda enrolados na mesa arrumada e ela não conseguia desviar os olhos. Qual seria a sensação de estar envolvido em torno dela? Seria áspero ou liso? Como seria ser mantido no lugar, incapaz de se mover?

Carla deu um passo atrás dela, passando as mãos suaves pelos braços. – Você gosta disso? – Ele sussurrou em seu ouvido. Sua frente estava pressionada contra suas costas e ela podia sentir a protuberância insistente em seu jeans. Apenas saber que estava ali estava deixando-a louca.

– Eu não sei ainda, – ela sussurrou de volta honestamente. Mas seus olhos continuaram a traçar os loops coloridos.

– Você vai ficar linda com eles. Um trabalho de arte.

Ela bufou. – Improvável.

Carla cantarolou contra seu pescoço. – Você vai ser lindo para mim.

Ela não podia contemplar isso por muito tempo. – O que eu tenho que fazer?

Carla se moveu para frente dela e seus dedos finos encontraram o botão em seu colarinho. Ele o abriu e passou para o próximo, seu toque mal lá, mas queimando através dela. – Você tem que confiar em mim. Você tem que seguir meus comandos e me deixar tocá-lo, embora apenas onde concordamos. Você tem que me deixar adorá-lo.

– Oh... – Ela suspirou. Ela não tinha certeza do que mais dizer.

Ele alcançou o último botão e puxou sua camisa de onde estava enfiada em suas calças. A camiseta dela ainda os separava, mas ele não fez nenhuma tentativa de interrompê-la enquanto puxava as mangas para baixo de seus braços. Quando estava desligado, ele o pendurou na parte de trás do ar.

Quando suas mãos voltaram, ele alcançou o botão de sua calça jeans. A excitação nervosa passou por ela com apenas um toque de suas mãos.

Ela não tinha esquecido completamente que estava fazendo as malas, mas agora que os dedos de Carla estavam tão próximos, era tudo o que ela conseguia pensar.

O dildo era separado e artificial, mas parecia seu pau. Era uma parte dela agora. E Carla estava abrindo o zíper com movimentos confiantes.

Ele pendia pesado em sua boxer, empurrando contra eles, mal restringido. Carla traçou ao longo de seu comprimento através do tecido. Ela não conseguia sentir, mas ver a mão de Carla em seu eixo a fez sentir como se estivesse sendo acariciada. As ondas de prazer onde a base a tocou só aumentaram a sensação.

Carla ajoelhou-se para aliviar a calça jeans pelas pernas, tirando as meias com eles.

Ela não esperava que ele ficasse de joelhos. Isso não parecia muito dominante. Ao mesmo tempo, ela ainda sabia que ele estava no controle. Ele estava apenas tentando colocá-la lentamente nas coisas?

Ele deu um beijo em seu joelho. Sua coxa. O lado de seu pênis.

Ela se sentiu um pouco boba, sabendo que não ia tirar mais nenhuma roupa. Também era estranho que ela não deveria fazer algo. Que Carla não estava esperando que ela assumisse o comando ou mesmo respondesse.

Mas também foi libertador. Por baixo de suas preocupações, ela se sentia sexy. Desejado. Cuidado.

Talvez houvesse muito mais nisso do que ela percebeu.

– Deite-se na cama. – A voz de Carla era baixa, mas mantinha um comando firme.

Ela sentiu calafrios ao ouvir o que ela disse, sabendo que ele a estava observando. Ela sabia que era desajeitada e flácida e

ainda usava roupas cobrindo a maior parte do corpo, mas Carla a *queria* aqui. Carla cuidaria de tudo.

Ela se deitou de costas, esperando que ela tivesse feito direito.

– Muito bem. – Carla traçou a mão dele em seu braço.

– Você tem algum problema de circulação ou articulação? Algo que pode doer se ficar na mesma posição por muito tempo?

– Meu joelho às vezes dói se eu usar muito ou pisar errado.

– Essa foi a única coisa que ela conseguiu pensar. – Não sou muito flexível, no entanto.

Carla deu um beijo em um joelho e depois no outro. – Você não precisa ser.

Ele era tão fofo. Não o que ela teria esperado de um Dom.

Então ele pegou o primeiro rolo de corda e seu coração deu um pulo. Ele realmente iria amarrá-la. Só de pensar nisso a deixava nervosa e animada.

Ela levou um momento para se concentrar em sua próxima pergunta. – Que tal todo o seu corpo? Diabetes? Algum problema com sua respiração ou coração?

– Nada. O médico disse que minha pressão arterial pode estar mais baixa, mas não está, tipo, perigosamente alta.

Ele deu um beijo em sua testa. – Bom. Estou feliz que você esteja saudável.

Ela não achava que ninguém mais pensasse sobre algo assim também.

– Eu vou te dizer o que eu faço antes de fazer, Carla falou suavemente. – Vamos manter as coisas bem simples hoje e breves. Se você não gosta de nada, ou mesmo se nada disso parece bom para você, é só me dizer e nós pararemos. Se sentir algum formigamento, avise-me imediatamente. Posso ser capaz de ajustar a corda e, se isso não resolver, vou cortá-la. – Ele ergueu uma tesoura de ponta romba. – Nada do que fazemos hoje deve machucar você.

Ela acenou com a cabeça.

– Alguma pergunta?

– Não.

Ele a beijou suavemente nos lábios. – Agradeço de novo por me confiar isso.

Charlie não sabia o que dizer. Parecia que ele estava dando tudo, que ela deveria apenas ficar deitada e relaxar, mas estava claro como isso era significativo para ele.

– Cruze os braços sobre o peito e segure os cotovelos.

Charlie obedeceu. Foi a sensação mais estranha, apenas esperando para ser amarrado. Ela esperava que a realidade fosse tão emocionante quanto as ideias em sua cabeça.

Carla se ajoelhou na cama ao lado dela. – Isso é chamado de caixa reversa, – ele explicou enquanto enrolava a corda dobrada

duas vezes ao redor de cada um de seus braços em um padrão em oito.

Ele não puxou os braços dela mais perto do que já estavam, embora fosse claro que ela não poderia separá-los.

Ele fez algo extravagante no meio, onde os laços se cruzavam, e então começou a enrolar a corda em volta dos antebraços dela.

Até agora, parecia... Diferente. Como se ela estivesse sendo amarrada, obviamente, mas ela não tinha certeza do que mais. Era quase técnico de alguma forma, embora as mãos de Carla sempre estivessem calmantes em sua pele.

Quando a parte do antebraço foi feita, Carla segurou os cotovelos de Charlie e ergueu os braços até que pudesse vê-los. Como ele disse, os braços dela estavam dispostos em uma caixa retangular com as cordas formando um T entre eles. Os nós eram elegantes e lisos, com uma espiral entre a barra transversal e os antebraços. Certamente parecia lindo.

– Como é?

– Eu ainda não tenho certeza.

– Alguma dor? Algo desconfortável?

– Não.

– Apenas deixe-se relaxar nisso então. Vou amarrar uma coluna em suas pernas a seguir, então colocarei um travesseiro sob seus pés para elevá-los.

Ele beijou cada uma de suas mãos onde elas estavam frouxamente enroladas em torno de seus cotovelos.

– Deixe seus braços pesarem, aconselhou. – Você não precisa segurá-los.

Ela não tinha percebido que sim até que ele disse isso. Mesmo que ela não pudesse mover os braços, ela estava segurando os cotovelos e tentando ficar no lugar.

Ela relaxou as mãos e deixou cair o ombro. Ela podia sentir cada lugar onde as cordas a pressionavam, mas não eram dolorosas ou muito apertadas. Era mais que ela não precisava segurar todo aquele peso porque as cordas a sustentariam.

Não era tão sexual quanto ela esperava, mas era confortável. Talvez até relaxando. A verdadeira emoção, porém, era saber que ela estava amarrada.

Reforçava, desse modo físico profundo, não apenas que Carla estava no controle, mas que Carla cuidaria dela.

Carla se ajeitou na cama, colocando um par de travesseiros sob seus pés, como ele havia dito. Ele correu as mãos quentes por suas pernas, deixando-a sensível e excitada. Ela levantou a cabeça desajeitadamente para olhar para si mesma, mas tudo o que ela podia ver além de seus braços amarrados era o vibrador cutucando sua boxer.

Deus, isso foi sexy. E um pouco constrangedor. Mas de alguma forma mais sexy porque Carla também podia ver.

O rosto de Carla estava sereno quando ele a tocou. Ele parecia feliz. Descontraído. Claro, ele geralmente parecia feliz e relaxado, mas isso era algo diferente. Uma espécie de foco brilhante, como tocar as coxas grossas de Charlie e os joelhos esburacados, era a coisa mais importante do mundo. Ela não tinha certeza se alguém já tinha olhado para ela assim.

Charlie se recostou no travesseiro e fechou os olhos. Ela podia sentir Carla pegar o próximo pedaço de corda e começar a enrolá-lo nas coxas. Havia um círculo que os unia, e então o padrão vinha descendo por suas pernas.

Ela podia sentir exatamente onde Carla estava enquanto as bobinas se acumulavam. Houve puxões longos e calmantes enquanto Carla apertava os nós. Cada um deixou para trás outro circuito, outra camada de segurança.

Havia algo inevitável nisso. Essa sensação de que a próxima corda sempre estava chegando. Que suas pernas deveriam ser confinadas e conectadas dessa forma, sob a mão de Carla. Que os laços iriam mantê-la unida e mantê-la fechada.

Carla acrescentou um laço final logo acima dos tornozelos e fechou com alguns puxões enquanto fechava o nó.

As mãos quentes de Carla correram de volta sobre suas pernas, a sensação interrompida a cada vez que as mãos de Carla passavam pelas bobinas. Isso, de alguma forma, tornou tudo mais sensual quando Carla a tocou novamente.

– Como você está se sentindo? – Carla perguntou novamente.

– É legal. – Charlie sentiu que estava corando. Era para ser *bom* ? Ela não tinha certeza de como descrever isso.

– Sem dor?

Ela balançou a cabeça. – Provavelmente poderia ser... Mais apertado. – Não que houvesse algo de errado com isso, mas se houvesse mais... Ela não tinha certeza de como perguntar.

Carla sorriu para ela. – Oh, você gosta! – Ele mudou de posição na cama para se ajoelhar ao lado do peito dela. – Nunca peça mais apertado, no entanto. O que você provavelmente quer dizer é mais corda. Que você gostaria de ter mais envoltórios ou mais grossos em cada lugar.

Charlie pensou sobre isso e acenou com a cabeça. Seus braços pareciam quase nus em comparação com suas pernas. Carla passou as mãos pelos braços dela, acalmando-a e despertando-a imediatamente. Isso era como a coisa do cotovelo? Onde apenas saber que ela estava ligada tornava tudo mais emocionante?

– Parece que você estava esperando?

– É, hum, melhor. – ECA. Não o que ela quis dizer. Mas *foi* melhor. Muito mais relaxante quando ela não conseguia se mover, mas excitante ao mesmo tempo. – Eu, uh, pensei que seria mais sexual, – ela finalmente admitiu.

Carla ficou com uma expressão estranha no rosto. – Oh, pode ser. Você quer isso?

– Eu... – Charlie levou um minuto para pensar. Ela já havia dito a Carla que não queria ser tocada na maioria dos lugares que as pessoas consideravam sexuais. Intelectualmente, ela confiava nele para observar isso. Acontece que ela disse às mulheres antes com o que não se sentia confortável e elas sempre tentavam empurrar. Houve muitos *apenas uma vez para mim e posso fazer você se sentir bem e pensei que seria diferente uma vez que você confiasse em mim.*

Então ela queria, contanto que Carla ficasse longe de qualquer uma dessas áreas.

Assim que ela teve esse pensamento, algo lhe ocorreu. Carla amarrou as pernas e cruzou os braços sobre o peito. Ela o conhecia muito bem para pensar que foi um acidente. Ele usou seus nós para tornar os dois lugares inacessíveis. Para mantê-la segura.

E para deixá-la saber que ela estava segura.

Porque ele estava cuidando dela.

Ela ergueu os olhos para o rosto dele. Ele estava tão paciente como sempre, esperando que ela decidisse.

– Sim.

– Olhos em mim, então.

Carla ficou de joelhos até que pudesse vê-lo facilmente e abriu sua camisa com alguns movimentos de seu pulso. Ele o jogou para trás, cruzou os braços sobre o peito e puxou o sutiã esportivo branco pela cabeça.

– Você quer tocar? – Ele perguntou, posando para ela.

Ela acenou com a cabeça. Ela desejava isso mais do que ela queria qualquer coisa em muito tempo. Talvez nunca. Ela quase se arrependeu das cordas agora.

Seus braços eram macios, mas repletos de músculos quando ele se movia. Seus ombros eram redondos, mas fortes, um pouco mais estreitos do que os de Charlie, e ainda vermelhos onde as alças do sutiã esportivo estavam.

E seus seios... Deus, eles eram perfeitos. Dois globos pesados com mamilos redondos escuros que imploravam para serem beijados.

Ele correu uma mão pelo peito, sobre sua barriga macia, e de volta para segurar um monte delicioso. – Você não me respondeu. Você quer tocar? – Ele estava brincando com ela, é claro. Ele tinha que ver em seus olhos o quanto ela o queria.

Não, era mais uma necessidade. Tocá-lo parecia decadente e impossível. Mais do que ela pensava que poderia ter, mas não o suficiente.

Sem mencionar que ela não conseguia mexer as mãos.

– Eu por favor. – Ela finalmente se lembrou de responder. Havia algo no jeito que ele estava olhando para ela, se segurando, que a fez sentir que precisava implorar. Como se ele pudesse não dar a ela o que ela queria até que ela estivesse liderando para isso.

Ele passou uma mão pelo cabelo dela, então virou sua cabeça até que ela estivesse olhando diretamente para cima. – Fique lá.

Ela assentiu infinitesimalmente em resposta.

– Abra sua boca.

Assim que o fez, Carla passou os dedos pelos lábios dela. Foi excitante e excitante. Ela queria lambê-los e colocá-los em sua boca.

Mas ela não fez isso. Porque Carla não disse isso.

– Muito bom, elogiou.

Ela sentiu algo quente em seu peito. Ela acertou e ele ficou satisfeito.

Ele se inclinou sobre ela, deixando um mamilo macio roçar sua testa. O canto do olho. Sua bochecha.

Ela queria isso desesperadamente em sua boca. Queria mais do que apenas um leve toque. Mas também era emocionante saber que ela não tinha escolha.

Ela se contorceu em suas amarras, e aquele sentimento de impotência e necessidade apenas aumentou. Ela *não podia* tocá-

lo porque não conseguia se mover. Havia algo de inebriante nisso. Algo que a fez se sentir carente, devassa e livre de uma forma que ela nunca tinha estado antes.

Carla continuou o caminho provocante, provocando o mamilo ao redor dos lábios de Charlie. A protuberância estava firme agora, um pouco áspera ao atravessar sua boca.

A saliva se acumulou no fundo de sua garganta e ela tentou engolir sem fechar a boca.

Apenas uma prova. Isso era tudo que ela queria.

Ela podia se ouvir choramingando.

Carla recuou e repetiu o processo com o outro lado. Seu mamilo firme percorreu suas pálpebras. A pele tão forte de seu seio se arrastou ao longo de sua bochecha. Quando ele alcançou sua boca, ele deu-lhe apenas o toque mais leve.

Ela olhou para ele. Seus ombros fortes e covinhas peludas eram delineados pela luz atrás deles, dando-lhe um brilho dourado. Ela podia ver apenas o canto de seu rosto, onde seus lábios estavam separados.

Ele soltou um gemido suave.

Ela estava fazendo isso com ele. Ela o estava excitando, apenas com este pequeno toque. Pelo conhecimento que ambos compartilhavam de como ela estava presa e indefesa por ele. Por quanto ela queria chupar, chupar e lambe, mas ficou quieta porque ele disse a ela.

Ele baixou o globo macio em sua boca até que seus lábios se fecharam em torno dele. Ela ainda podia respirar pelo nariz, mas seria tão fácil alcançá-la com a língua.

– Chupe, ele comandou.

Charlie chupou com fome. Finalmente ela conseguiu prová-lo. Tenho que sentir aquela bela carne contra seus lábios. Não havia delicadeza, apenas necessidade e temor de tocar essa parte suave e vulnerável dele que se encaixava perfeitamente em sua boca.

Charlie se arriscou e envolveu a pequena saliência com a língua. Carla gemeu, baixando a cabeça dele com a boca aberta.

Ela redobrou seus esforços, querendo manter aquele olhar de felicidade em seu rosto. Ela enviou movimentos rápidos de sua língua sobre a ponta e, em seguida, chupou com força, puxando - o para dentro de sua boca. Ela testou levemente os dentes e Carla engasgou e empurrou contra ela.

Charlie ergueu os braços instintivamente para tocá-lo mais, para arrastá-lo para mais perto, mas ela foi interrompida por suas amarras.

Isso só o tornou melhor.

Ela se mexeu experimentalmente, tentando empurrar para cima e liberar as pernas, tentando moer contra algo que não estava lá. Não porque ela quisesse se mover, mas porque ela precisava saber que ela não podia.

Oh sim. Isso era o que ela precisava. O que ela sempre precisou. A pele de Carla em sua boca. As cordas de Carla ao redor de seu corpo. Constrangido e maravilhosamente livre ao mesmo tempo.

Carla se retirou e Charlie o perseguiu com a boca. Ele fez um som desagradável e isso bastou para que ela voltasse a cabeça para o centro do travesseiro. Ela abriu a boca, esperando ter a sorte de prová-lo novamente.

O seio de Carla estava pesado e frio quando ele o arrastou pelo rosto. Ele acariciou sua bochecha. Traçou caminhos em sua testa. Em seguida, ele apresentou o outro lado à boca.

Ela esperou até que ele fizesse um som de aprovação e então começou a chupar este enquanto o peso do outro pressionava seus olhos fechados.

Seu corpo estava em chamas. Ela precisava ser tocada. Precisava tocar em Carla. Precisava se esforçar contra suas amarras e saber que não podia controlar nenhum dos dois.

Carla continuou assim por um tempo infinito. Alternando entre os mamilos, esperando a cada vez até que Charlie ficasse quieto. Até que ela foi treinada para seguir o zumbido silencioso em sua garganta que a lembrou de sua posição e lhe deu permissão para lamber e tocar novamente.

Por fim, Carla recuou e acariciou seus braços.

– Você é linda assim, – ele disse a ela. – Mais sexy do que eu imaginava.

– Sim?

Ele a beijou, lenta e docemente, seus seios descansando em seus braços cruzados como nuvens. – Sim. Quase não quero desamarrar você.

– Você não precisa, – ela concordou. Ela não se importaria de se alongar, mas a sensação de aperto e contenção era viciante. Ela não queria que acabasse.

– Talvez na próxima vez. Já passou quase meia hora, o que é suficiente para a sua primeira vez. Especialmente porque ainda estamos aprendendo sobre as reações do seu corpo.

Tirar as cordas era diferente de colocá-las. Carla puxou os nós de suas pernas, que de alguma forma haviam sido arranjados para abrir facilmente.

Ela se sentia fria e muito solta sem as cordas. Parecia que ela estava perdendo algo, embora caminhos fantasmas ainda cruzassem seus membros.

As mãos de Carla em seu corpo estavam diferentes agora. Entre cada puxar e deslizar das cordas acariciava sua pele, massageando e aquecimento, explorando e provocando. Estava claro que sua atenção estava nos nós enquanto a amarrava, mas agora sua atenção estava toda nela.

– Como você está agora? – Ele perguntou.

– Frio. – Foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça. O resto, o sentimento muito solto e sem amarras era muito difícil de explicar.

Carla se afastou e colocou uma colcha dobrada sobre os pés. A cada laço que abria, ele puxava alguns centímetros para cima.

Isso foi muito melhor. Não apenas o calor, mas o peso dele. A sensação de que ela ainda estava sendo segurada pelas mãos de Carla e pelo que ele lhe dera.

Quando o último nó se soltou, ele tirou os travesseiros de seus pés e puxou o cobertor até o peito.

– Dobre os joelhos e mexa os dedos dos pés.

Carla obedeceu. Ah... Foi bom movê-los novamente. Pequenas dores familiares e músculos inativos se manifestaram. Seu prazer com a escravidão ainda superava em muito a pequena dor, mas ela entendia agora por que Carla insistira em parar.

Enquanto testava as pernas, Carla mexeu rapidamente com os braços. No momento em que seus pulsos ficaram livres, ele a fez esticar os braços, e então simplesmente puxou o oitão para baixo até que escorregasse de seus dedos.

Ele baixou os braços para os lados, em seguida, esfregou cada lugar onde as cordas estiveram. Parecia haver uma técnica em tudo o que ele estava fazendo, mas tudo com que Charlie se importava era a maneira como ele estava olhando para ela. Foi uma mistura de alegria, orgulho e excitação. E tudo porque ela

estava deitada de costas com um barbante enrolado em volta dela.

Ela percebeu, então, que não era apenas deitada de costas. Certamente não tinha se sentido assim enquanto ela estava fazendo isso. Ela estava deixando ele cuidar dela, mas não era passivo e distante.

Estava ativo. Algo que eles estavam fazendo juntos. Algo que era íntimo e especial entre eles.

Algo de que Carla se orgulhe.

Quando ele ficou satisfeito com os braços dela, Carla desdobrou mais a colcha e enfiou-se embaixo dela ao lado dela. Ele puxou um pouco o braço dela e se acomodou em seu ombro.

Isso a lembrou de que ele era mais baixo e menor. Ele se encaixava perfeitamente contra ela assim, mas era uma grande diferença de como ele assumiu o comando da cena apenas um momento atrás.

Ela se perguntou se ele achava estranho também, mas sabia que não iria. Esse era apenas seu pensamento antiquado sobre tamanho e gênero e tudo mais.

Ela o envolveu com o braço e ele passou uma das mãos pela barriga dela, depois enfiou a mão embaixo da blusa, logo acima do quadril.

– Como foi isso?

– Hum, bom.

– Charlie, isso foi sexy pra caralho. Nem tente mentir para mim. Bom. – Carla bufou, embora ele parecesse mais divertido do que ofendido.

– Sim, foi. – Encontrar as palavras foi muito difícil, mas Carla pareceu entender. – Foi bom para você?

Carla beijou seu ombro. – Perfeito. – Ele traçou pequenos padrões com o polegar, fazendo pequenos círculos ao longo do lado dela. Era doce, mas também excitante.

– Você não pôde vir. – Com todos os outros com quem ela já dormiu, esse foi o momento que fez isso por ela. Saber que ela fez a outra pessoa se sentir bem. Ela ainda queria isso com Carla.

– Isso não é importante, murmurou Carla. – Eu me diverti.

Charlie tentou não deixar transparecer sua decepção. Foi isso? Para sua surpresa, ela ainda queria mais para si mesma. Ela não tinha certeza do que queria, mas ainda estava com tesão e carente. Nem um pouco pronta para apenas relaxar e abraçar, embora ela aceitaria se fosse tudo o que pudesse conseguir.

Ela se virou de lado e iniciou um beijo, esperando que estivesse tudo bem. Ela ainda não tinha certeza de como todas aquelas coisas do Dom funcionavam.

Carla a beijou de volta preguiçosamente, passando os dedos gentis pelos cabelos. Isso foi bom. Isso foi incrível.

Ela gemeu e se empurrou contra ele. Isso era o que ela precisava. Mais disso.

Ele enganchou uma perna sobre sua coxa e puxou-a para perto. Seus pênis se esfregavam, grossos e duros entre eles. Cada movimento enviava uma pulsação de prazer através dela, alguma combinação de sentimento daquele comprimento masculino e os ecos transmitidos para a base onde se esfregava contra ela.

A respiração de Carla também estava ficando pesada. Ele se afastou, olhando nos olhos dela. – Você quer mais, bebê? Ainda está com fome de mim?

Ela acenou com a cabeça.

– Bom. Porque eu não me canso de você.



Capítulo Seis

Carla

Carla beijou Charlie mais uma vez. Sua boca era viciante. O jeito que ela tão facilmente derreteu em seu controle ainda mais.

Ele não tinha planejado fazer nada mais do que essa cena esta noite, mas o jeito que ela estava se movendo contra ele, forte e suave em todos os lugares certos, era claramente um pedido. Para uma personalidade tão rude, ela era adoravelmente tímida às vezes.

Ele passou a mão por suas costas e por sua barriga ampla, deixando-a sentir o caminho enquanto ele se aproximava de seu pênis. Ele queria tocar cada centímetro dela que fosse permitido a ele, mas o mais importante era fazê-la se sentir segura.

Quando ele alcançou o comprimento duro, os dois engasgaram. Em sua mente, era definitivamente *o pau de Charlie*. Uma parte de seu corpo tanto quanto qualquer outra. Quando ele olhou para seu cabelo grisalho espetado e ombros fortes, suas pernas musculosas e aqueles braços grossos, ele não conseguia imaginar seu corpo de outra maneira.

E agora ele tem que chutá-la. Para sentir aquela dureza contra sua palma e reivindicar outra parte dela.

Ele pressionou o silicone em sua barriga para que ela pudesse sentir as pontas de seus dedos segurando o comprimento duro através de sua boxer. Não havia sentido em tocar suavemente, especialmente quando ela não podia ver. Parecia incrível em sua mão.

Ele estabeleceu um ritmo lento. A cada golpe para baixo, ele empurrava forte o suficiente para garantir que a base se esfregasse nela.

Ela ofegou e arqueou para ele, procurando mais atrito.

Ela tinha deixado o vibrador dentro? Mesmo se ela não tivesse feito isso, ainda haveria alguma pressão. Mas se ela tivesse, ele definitivamente tinha planos para isso.

– Você gosta disso? Como eu acariciando seu pau?

– Mmmm... – ela gemeu.

– Eu quero você dentro de mim. Quero montar você. – Ele não tinha certeza se estava expressando um desejo distante ou fazendo um plano.

A reação dela deixou isso claro. Ela empurrou em sua mão, a cabeça de seu pênis arrastando contra sua barriga. – Por favor.

– Nas suas costas. Mãos ao lado do corpo. – Agora que ela havia pedido, ele não queria esperar mais.

Charlie mudou imediatamente para a posição, seus olhos verificando-o para ver se ela tinha entendido direito.

– Você gosta de fazer o que mandam, não é?

Ela acenou com a cabeça timidamente, o olhar apenas realçado pelo corte de cabelo ruivo e ombros fortes emoldurando seu rosto envelhecido. Ele esperava que ela estivesse pelo menos disposta a experimentar coisas no quarto, mas sua submissão parecia ir mais fundo do que qualquer um deles provavelmente esperava.

– Muito bem. Mantenha-os lá.

Ele se moveu para baixo até que ele estava escarranchado em suas pernas, logo acima de seus joelhos. Ele correu os dedos provocativamente por sua barriga, contornando a protuberância que ele tinha acabado de tocar e descendo por suas pernas.

Ela estremeceu embaixo dele, mas não se mexeu.

Ele correu as mãos de volta, circulando mais perto de seu pênis e, em seguida, se afastando.

– Coloque outro travesseiro atrás da cabeça. – Ele queria que ela visse essa parte.

Com um pouco de manobra, eles trabalharam juntos para acomodá-la novamente. Agora ela não perderia nada.

Ela colocou as mãos na posição sem ser questionada.

– Tão bom para mim, – ele murmurou novamente, só para ver os olhos dela se arregalarem.

Ele continuou seu jogo de acariciar sua barriga e coxas, passando as mãos pelos lados e pelos braços. Ele evitou qualquer lugar coberto por sua camisa, mas ainda havia muita pele para desfrutar. Ele traçou seus lábios e ela beijou a ponta dos dedos, mas por outro lado apenas o observou com intensidade e necessidade.

Ele brincou com os dedos um pouco mais perto de seu pênis, em seguida, deslizou sob o painel frontal de sua boxer.

Ela engasgou e se pressionou contra ele.

– Deus, você é delicioso. – Ela era. Mais do que ele havia imaginado.

Ele aliviou seu pênis pela frente de sua boxer e acariciou o eixo cor de carne. Quando ele teve toda a atenção dela, ele levou a ponta em sua boca.

– Ca-Carla? – Ela gaguejou. Ela estava ofegante e com as pálpebras pesadas, as mãos cerradas ao lado do corpo.

Ele puxou apenas o suficiente para falar, então continuou dando pequenas lambidas de silicone suave. – Sim gata?

– Eu só... Você não precisa fazer isso. – Ela não parecia estar reclamando, no entanto.

Ele colocou mais na boca, usando a mão na base para aumentar a pressão quando ele empurrou para baixo e acariciou para cima contra ela quando ele se afastou. Havia um truque para dar boquete a um vibrador, que consistia principalmente em

garantir que os movimentos fossem transferidos contra a outra pessoa com força suficiente.

E era quente pra caralho saber que ele tinha seu pênis na boca.

– Acredite em mim, tudo isso é prazer. Você quer que eu pare? – Ele respirou sobre a ponta enquanto falava.

Suas mãos se ergueram, como se fosse tocá-lo, e depois voltaram para os lados com o que parecia um esforço significativo. – Não, por favor, não pare.

– É tão bom pedir o que você quer. Agora, você deixou tudo no lugar quando se preparou para mim? – Ele acariciou para baixo no eixo para ilustração.

– Sim. – Suas bochechas ficaram rosadas e ele se perguntou se ela já havia usado um vibrador ou em si mesma. Não o surpreenderia se ela não tivesse, já que ela parecia estar bem distanciada de seu corpo.

– Você foi muito bom para mim, então.

Seu rubor ficou mais profundo. Ele a recompensou com outra chupada profunda, em seguida, arrastou a língua para cima para traçar círculos ao redor da coroa enquanto acariciava rapidamente com a mão.

Quando os olhos dela começaram a se fechar, ele finalmente recuou.

Ele precisava tirar a roupa agora ou ele apenas passaria a noite toda chupando-a.

Ele ficou ao lado da cama e primeiro tirou o telefone do bolso. Ele encontrou o aplicativo que controlava o vibrador de Charlie, bem como aquele aninhado contra seu próprio corpo, e então o jogou na cama.

Então ele começou a tirar a calça jeans. O rosto de Charlie estava preso em seus dedos enquanto ele desabotoava o cinto e abria o botão abaixo. Seu próprio pênis estava duro e exigindo atenção.

– Gostou do que está vendo?

Ela acenou com a cabeça.

Ele baixou a calça jeans e seu sim os seguiu enquanto ele os colocava na cadeira. Houve uma longa pausa antes que ela olhasse de volta para ele. Agora isso era interessante.

Ele pousou a mão na calça jeans.

– Algo em que você está pensando?

O adorável rubor de Charlie ficou cada vez mais forte. – Eu só... Isso parece bobo depois de tudo que eu já disse a você. Mas eu, hum, gosto do seu cinto.

Muito interessante.

– O que você gosta sobre isso? – Ele acariciou o cinto com dois dedos. Era de couro preto, bastante largo, mas de outra

forma normal. Muitos homens usavam bandeiras assim todos os dias.

– Eu, uh... – Ela suspirou. – Eu gosto do jeito que fica em seus quadris. É muito masculino. E, hum, isso, uh, me faz notar mais seus quadris.

– Ahh... Chama atenção minhas características masculinas e femininas? Ou torna minhas características femininas mais masculinas?

– Sim.

Ele começou a desenroscá-lo das presilhas do cinto.

– Ou talvez seja apenas sexy por si só?

Ela considerou por um momento. – Acho que só gosto porque é seu. É muito... Forte?

– Dominante? – Ele ofereceu. – Viril? Sexual?

– Sim, ah. Hum, tudo isso.

Eles definitivamente precisariam explorar isso mais. – Junte as mãos.

Ela os apertou sobre a barriga.

Começando do meio do cinto, ele o enrolou em ambos os pulsos formando um oito solto e, em seguida, usou a fivela para fechá-lo. Estava solto o suficiente para que ela provavelmente pudesse escorregar para fora com um pouco de esforço, e só deixaria marcas se puxasse contra ele.

Simbolicamente, porém, parecia sexy pra caralho em torno de seus pulsos musculosos.

Ela parecia estar se divertindo com isso. Ele podia vê-la torcendo as mãos apenas para sentir a textura contra sua pele. Ela estava respirando em pequenas ofegos rasos.

– Bom?

– Mmmmmhmmm...

Carla tirou sua boxer. Seu pênis saltou com orgulho, um comprimento preto brilhante emoldurado pelas alças pretas combinando ao redor de sua cintura e coxas.

Ele observou Charlie tentar levantar os braços, perceber que ela não conseguia mover as mãos e colocá-las sobre a barriga novamente.

– Você vai se sentir tão bem dentro de mim. Deus, você me deixa tão duro.

Ele acariciou seu eixo enquanto voltava para a cama, fazendo um ligeiro ajuste para manter a vibração em seu clitóris. A sensação de tocar seu próprio corpo dessa forma o percorreu. Usando uma correia, ele se sentia confiante e masculino. Pronto para foder alguém.

Esse sentimento não mudou nada quando ele estava no lado receptor.

Ele montou em Charlie novamente, apoiando todo o seu peso nos joelhos, e então se inclinou para beijá-la. O ângulo não

era bom com as mãos presas entre eles, mas isso o tornava mais sexy também. Sua boxer esfregou suavemente a parte interna de suas coxas, a guerra de seu corpo se infiltrando.

Seus pênis esfregaram um no outro e nas mãos presas de Charlie. Ele empurrou preguiçosamente contra ela, deixando-a sentir sua submissão. Ela era sua agora. Preso e pronto para usar para seu prazer.

Sua boca estava aberta para ele, carente e sensual, embora ela perfeitamente seguisse seu exemplo. Foi difícil se desvencilhar.

Ainda ofegante, ele se ajoelhou e encontrou seu telefone. Ele ajustou os vibradores para sincronizar, então o que quer que ele sentisse, ela o faria também. Ele selecionou a configuração mais baixa.

– Sente isso?

Ela assentiu, mas ainda parecia hesitante. Um dia, eles trabalhariam para que ela falasse mais, mas hoje não era esse dia. Por enquanto, era o suficiente que ela estivesse se comunicando com ele, mesmo silenciosamente.

– Toque seu pau. Prepare-o para mim. Eu quero posicioná-lo para que você sinta tudo o que eu faço.

Com as mãos amarradas, ela se abaixou para agarrar a haste, movendo-a um pouco para baixo e para o lado. Ele podia ver o

momento em que ela conseguiu centrar porque sua boca se abriu em um O silencioso.

– Acaricie seu pau. Deixe-me ver se você gosta.

Com movimentos lentos e então com mais confiança, ela trabalhou seu eixo. Porra, isso foi quente. Suas mãos ásperas. O pau grosso com a cabeça de cogumelo que ficava estourando entre seus dedos. E o cinto dele a mantendo no lugar, o couro grosso ao redor de seus pulsos.

Cada vez que suas mãos se moviam para cima, elas roçavam seu próprio pênis, aumentando a visão gloriosa e enviando arrepios por ele.

– ECA. Eu poderia vir apenas observando você.

Charlie olhou para ele com os olhos semicerrados. Foi aí que ele a esperou. Não nervosa, mas completamente cativada pela sensualidade inata de suas mãos em seu próprio pênis, dando um show para ele.

– Pronto para mim?

– Por favor.

Porra. Não havia nada mais doce do que o jeito que ela dizia por favor cada vez que ele perguntava algo. Em algum lugar entre educado e implorando, entre o desejo carente e uma esperança tímida de que ela teria sorte o suficiente para conseguir o que pediu.

Ela ainda não entendia que ele daria a ela qualquer coisa que ela pedisse, mas ela o faria em breve. Embora talvez não imediatamente. Não se ele tivesse outros planos para ela.

Mas agora ele queria aquele pau. Ela estava segurando a base com firmeza, e ele se ajoelhou para avançar um pouco.

Ele tinha sentimentos diferentes sobre as diferentes partes de seu corpo, dependendo de com quem ele estava e qual era sua dinâmica, mas com Charlie, tudo parecia certo.

Ele também queria que ela visse que ele era confiante e masculino o suficiente para tê-la dentro de sua vagina. Não para mudar sua opinião sobre seu próprio corpo, mas para lhe dar uma janela para esse tipo de liberdade, se ela quisesse.

Inferno, ele a tomaria de qualquer maneira que pudesse.

Ele alcançou seu pênis, espalhou seus lábios com dois dedos, e lentamente se aproximou dela. Era sempre magnífico, aquele primeiro momento de entrada quando o ângulo estava certo e ele podia sentir o eixo duro e profundo.

Mas estar com Charlie levou isso a um novo nível.

Ela estava olhando para ele com um olhar de reverência e necessidade. Quando ele afundou longe o suficiente para alcançar suas mãos, ela soltou um suspiro.

– Você gosta disso? – Ele perguntou a ela, embora a resposta fosse óbvia. – Estou ensopado para você. Você me deixa tão duro.

Ela estremeceu embaixo dele e seus dedos se curvaram para cima para traçar ao longo da pele sensível onde ela o penetrou.

Era tão bom pra caralho, mas o que ele precisava agora era apenas uma foda dura.

– Mãos acima de sua cabeça, ele retrucou.

Ela levou um momento para processar suas palavras, mas ele podia ver o momento em que ela o fez. Confusão, surpresa e depois uma espécie de desejo arrepiante. Ela ergueu os braços, puxando a camiseta sobre a barriga e colocando o peito para fora.

Ele se preocupou que ela não se sentisse confortável assim, mas tudo o que viu foi luxúria. Ele realmente não via seu peito como uma parte erótica dela, agora que ela explicou. Mas olhar para ela todos juntos, seus braços fortes e covinhas peludas, seu corpo grosso e mãos fortes roçando seu cabelo espetado, era erótico além da imaginação.

– Segure-se no mastro.

Seus dedos se mexeram e então encontraram uma das colunas que compunham a estrutura da cama, escolhida exatamente por esse motivo.

E agora, finalmente, ele poderia afundar todo o caminho sobre ela. Seu pau estava gordo e cheio dentro dele, e se ele apenas se inclinasse um pouco... Oh, Deus, sim.

Ele pegou o telefone e colocou a configuração no máximo. O zumbido dos dois vibradores aumentou entre eles e os olhos de Charlie se fecharam.

Ele lutou a batalha para manter os olhos abertos, porque não queria perder um momento de vê-la assim. Ele apertou nela e suas costas arquearam até que ela estava amarrada apenas por seu peso em seus quadris e suas mãos na estrutura da cama.

Isso era tudo que ele precisava. Ele se levantou e empurrou de volta para baixo, usando seu corpo ansioso para encher-se, lentamente e depois mais rápido.

Ele sentiu o ângulo mudar quando ela dobrou os joelhos até que pudesse voltar a bater nele. Cada vez que eles ficavam juntos, ela soltava um grito gutural.

– Isso é certo, bebê. Foda-me com força. Faça-me sentir bem.

Ela redobrou seus esforços e ele se inclinou um pouco mais para trás até que ela marcasse seu ponto G todas as vezes. Ele normalmente não poderia vir apenas disso, mas desta vez poderia.

– Você vai vir por mim? – Ele quis dizer isso retoricamente, mas ela respondeu.

– Eu não preciso. – Algo pesado cruzou sua expressão. Algo frio e duvidoso.

Ele fez uma pausa em suas ações e se inclinou para beijá-lo. Ele tinha gostado da negação do orgasmo com outros subs, mas

isso soava como uma dúvida. Talvez até medo. Ele poderia um dia provocá-la e negá-la, mas só depois que ela se entregou a ele um milhão de vezes. Ele precisava que ela visse o quão desejável ela era quando pegasse o que precisava.

Começando agora.

Seu beijo foi demorado e lento, mas o desejo fervia logo abaixo. Ele apertou nela com sua pélvis enquanto falava contra seus lábios. – Oh não, sexy. Isso é tudo sobre você. Eu quero todos você. Eu quero possuir seus orgasmos. Se você não pode, é só me dizer. Mas se você estiver disposto a confiar em mim, quero que se sinta melhor do que nunca.

Ela respirou fundo e ele devorou sua boca, sugando os beijos famintos de seus lábios.

Ele finalmente se afastou para olhar para ela, a respiração ofegante. – Lembra? Tudo isso está em nossas cabeças. Como nos vemos. E eu não consigo obter o suficiente do seu pau duro me fodendo tão bem. Então você vai vir quando eu mandar. Não é?

Ela soltou um gemido estrangulado quando ele retomou o ritmo. Ela respondeu tão bem a sua conversa suja e seu corpo. Então ele só teria que dar a ela mais.

– Observe-me, Charlie.

Ela ainda estava posicionada sobre os travesseiros extras para que pudesse ver tudo. Ele brincou com as mãos dos próprios

ombros até os seios enquanto os olhos dela seguiam cada movimento.

– Você gosta disso, não é? – Ele acariciou seus mamilos e deu-lhes uma pequena torção. Uma dor aguda passou por ele e ele a deixou ver em seu rosto.

Seus dedos se soltaram no mastro enquanto seus braços avançavam em direção a ele. Ele parou imediatamente e seus olhos brilharam quando ela deve ter sentido o cinto puxando para trás contra seus pulsos.

– Uh, uh. Mantenha essas mãos aí. Você é todo meu, e eu decido quando você vai tocar. Agora, seu trabalho é me dar aquele pau sexy.

Ela agarrou o mastro novamente, mas agora seus dedos estavam se contraindo, abrindo e segurando com força novamente. Ele podia ver a tensão contra suas amarras, a maneira como ela puxava os braços um do outro apenas para sentir a resistência. Ela empurrou de volta para ele e ele gemeu.

Ele estaria em apuros se não pudesse levá-la logo.

Ele resumou traçar seu peito novamente, seus movimentos bruscos enquanto ele subia e descia em seu comprimento duro.

– Quer saber do que eu gosto?

– Por favor.

Essa palavra o estava matando. Ele queria ouvir isso mil vezes.

– Eu gosto de um pouco de dor. – Ele estalou os mamilos e os dois engasgaram juntos. – Isso mesmo. – Ele fez isso de novo. – Você me fez sentir tão bem. Na próxima vez que você me tocar, vou deixar você beliscar. – Ele engasgou ao demonstrar. – E morder.

Ela gemeu, dedos cerrados, continuou brincando com os mamilos, observando os olhos dela ficarem selvagens. – Eu vou te dizer como fazer isso. Assuma o controle e dê a nós dois exatamente o que precisamos.

Ele acariciou mais abaixo em seu corpo, trazendo seu olhar para baixo em seu peito, sobre sua barriga e até seu pênis.

– Olha o quão duro você me deixa. – Ele acariciou seu pênis, enviando o vibrador com força contra seu clitóris.

Foi tão bom que ele gritou, perdido por um minuto. Foi simplesmente demais. – Porra, Charlie. Você se sente tão bem. Eu amo seu pau dentro de mim. Eu amo ver você indefeso enquanto eu monto você. Uhn.

Ele começou a trabalhar seu eixo. O silicone estava seco e ele cuspiu na mão. Agora o deslizamento era fácil e rápido.

Cada golpe enviou fogo através dele. Era a sensação de seu próprio pau em sua mão, bem onde pertencia, que parecia sexy e poderosa. E então as rápidas vibrações bem em seu clitóris, seu pau menor, que ele podia mirar exatamente onde queria.

– Olhe o quanto eu quero você, – ele exigiu, a respiração pesada. Ele passou a mão rapidamente pela mão. – Eu vou gozar em seu pau. Você vai gozar dentro de mim.

Os nós dos dedos dela estavam quase brancos no mastro. Sua boca estava aberta, e ele poderia dizer que ela estava perto.

Ele se abaixou sobre ela, dando-lhe todo o seu peso. Agora, quando ela empurrasse nele, não haveria como escapar das vibrações profundas que ele podia sentir onde sua pele encontrava o tecido fino de sua boxer.

– Persiga, bebê. Foda-me até você gozar. Preciso que você venha por mim.

Ela se contorceu embaixo dele em ondas rápidas, seu pênis tão cheio e duro e bem onde ele precisava enquanto ela fazia cada estocada minúscula.

Ele acariciou seu próprio eixo mais rápido. – Isso mesmo. Me dê isto. Mais difíceis. Foda-me mais forte.

Ele podia ver o momento em que ela tombou sobre a borda. Olhos cerrados com força, lábios bem abertos formando seu nome, todos os músculos tensos enquanto ela se agarrava ao poste da cama.

– Carla! Carla! Carla! – Ela implorou.

Ele moeu círculos em seu pênis enquanto seu ritmo vacilava.

Ele segurou a base de seu próprio pau, trabalhando contra si mesmo. Ele estava tão perto. Tão perto...

Lá. O êxtase passou por seu corpo. Clitóris, pênis e boceta se chocando juntos em uma onda sublime que o varreu.

Charlie. Tudo era Charlie. Ele precisava dela. Precisava estar mais perto.

Ele se lançou para baixo para capturar sua boca, suas línguas se enredando e os dentes arranhando. Ele queria se dissolver nela. Para derreter juntos até que seus corpos fossem um. – Charlie, – ele gemeu nela. – Porra, Charlie, preciso de você.

Os braços dela o envolveram, ainda amarrados e segurando-o perto. Como se ela não pudesse suportar que ele estivesse mais longe também.

Ele se esfregou contra ela, cavalgando os tremores secundários com seu pênis dentro dele, o dele pressionado em sua barriga. Ele nunca quis que isso acabasse.

Por fim, porém, a sensação começou a ser demais, e ele correu para pegar o telefone, afastando-se o suficiente para colocar sua impressão digital e limpá-la.

Ele se aninhou de volta no círculo dos braços de Charlie. Eles ainda estavam conectados em todos os lugares, as camadas de tecido entre eles sem sentido quando estavam tão próximos em todos os outros sentidos.

– Não puxe, – ele sussurrou. Este não era um comando. Ele simplesmente não podia suportar acabar com isso ainda.

Ele beijou seu pescoço, lambendo o sal de sua pele suada.

Não, isso não era apenas suor.

Ele mudou para os cotovelos e beijou o resto do rosto. Havia rugas tenras ao redor dos olhos, as linhas finas cheias de lágrimas.

– Você está chorando, ele sussurrou. Ele não queria quebrar esse espaço sagrado entre eles, mas também precisava saber o que ela estava pensando.

– Eu nunca, na verdade, gozei antes.

Ele deu um beijo suave no canto de cada olho e depois se abaixou para apertá-la com força. – Você foi magnífico. Eu não posso te dizer o quanto estou honrado por você ter compartilhado isso comigo.

– Ele foi OK?

– Foi glorioso. Perfeito. Melhor do que eu sonhei.

Ele ondulou seu corpo, conduzindo seu pau dentro dele novamente e fazendo os dois gemerem. – E tenho sonhado muito com você, acredite em mim. – Ele pressionou novamente e teve que fechar os olhos com força. Ambos estavam excessivamente sensíveis para continuar, mas era magnífico.

– Eu só... Mantive todas as minhas roupas.

Ele encolheu os ombros, seus ombros ainda pressionados juntos. – Eu realmente não pensei sobre isso. Você fez?

– Na verdade. Quer dizer, quando pensei sobre isso, me senti... Segura. Como se eu não precisasse me preocupar.

– E o resto. Como você se sentiu?

– Seguro.

Ele beijou o canto de sua boca.

– Algo mais?

Ela fez uma pausa e ele quase pôde ouvi-la pensar. – Foi bom, disse ela finalmente.

Ele riu contra sua boca, em seguida, salpicou-a de beijos. – Bem, eu suponho que isso seja um passo além de bom. Talvez da próxima vez possamos almejar o muito bom e trabalhar para chegar ao excelente.

Charlie riu com ele e deu-lhe um leve tapa no braço. – Eu não sou bom com palavras como você. Estou tentando.

– Eu sei, sexy. Eu sou pró-ud de você.

Eles caíram em um beijo preguiçoso, delicadas pinceladas de lábios e línguas lânguidas. Ele nunca mais quis se mover.

Embora suas posições estivessem finalmente começando a ser desconfortáveis e ele quisesse desamarrar os pulsos dela antes que comessem a doer. Ele suspirou profundamente e afastou os braços dela para que pudesse se desvencilhar. No momento em que ela escorregou para fora dele, ele já sentiu uma sensação de perda.

Ele se ajoelhou ao lado dela e abriu a fivela do cinto, lentamente desenrolando os laços de seus pulsos. Ele podia ver em seus olhos que ela *realmente* gostou. Mas agora não era a hora.

Ele o jogou no chão e massageou cada pulso. Havia marcas de pressão, mas nada que deixasse uma marca mais tarde. Ele deu um beijo no interior de cada um.

Então ele puxou a colcha sobre os dois e se aconchegou ao lado dela. O braço dela subiu para segurá-lo perto e seus joelhos se aninharam um contra o outro. Seu pênis ainda estava duro contra seu quadril e o dela roçou sua coxa, mas parecia relaxado e quieto, como se seus pênis ainda fossem parte de sua proximidade, mas flácidos e exaustos.

– Devíamos limpar, – Charlie sugeriu.

– Não. Eu não estou deixando você fugir de mim. – Se ela estivesse disposta a tomar um banho com ele, ele sugeriria isso, mas isso seria para um futuro distante. Talvez nunca. Ele teria que colocar seu corpo sexy sob a água em um lago ou piscina deserta em algum momento, quando ela pudesse usar um maiô. Bem, isso foi um pensamento vago...

As palavras seguintes de Charlie quebraram seu devaneio. – Você tem certeza? E você realmente quer fazer isso de novo?

Carla manteve seu tom leve. Ele diria a ela quantas vezes ele precisasse. – Todos os dias, se eu puder. Vou aceitar tanto quanto você me der.

– Eu só... Eu não tenho um relacionamento há muito tempo. Não sei se consigo fazer direito.

Carla passou os dedos suaves sob a bainha da camisa. – Então talvez este seja o seu tempo. Tudo que você precisa fazer é ser você mesmo.

– E se eu não tiver certeza de quem eu sou? Quer dizer, eu me sinto eu mesma com você, mas ainda... Não totalmente, talvez? Nunca foi fácil ser eu mesmo.

– Então vamos explorar isso juntos. – Ele pressionou os lábios em sua bochecha. – Talvez isso signifique fazer a transição. Talvez isso signifique ficar mais confortável com esse corpo sexy e saber que gosto de estar com você assim. Se você for meu, temos todo o tempo do mundo para descobrir.

Ele podia sentir o corpo dela relaxar sob o dele. – Obrigada. Acho que... Nunca pensei que pudesse fazer isso antes.

– Então você é meu agora? – Ele estava se sentindo sonolento e fofinho, mas inclinou a cabeça o suficiente para ver o rosto dela pelo canto do olho.

Ela estava sorrindo, embora provavelmente não achasse que ele pudesse ver. – Sim, acho que estou.

Ele deu um aperto nela. – Excelente. Então eu sou seu também. – Foi um compromisso fácil de assumir.

Carla se aninhou, apreciando a musculatura de seus ombros e a força de seus braços. Ele traçou padrões em seu lado até que ela entrelaçou seus dedos.

Ele deixou um sorriso louco se espalhar pelo rosto.

– Sabe, eu não esperava que você fosse tão fofinho. Não parece muito com o Dom.

– Parece Carla, entretanto?

Charlie beijou sua testa. Foi o primeiro beijo que ela realmente iniciou, e ele o valorizou. – Sim. Isso é... Muito mais fácil do que pensei que seria.

– Estou feliz.

Eles se aconchegaram um ao outro e Carla estava meio adormecida quando ele a sentiu ficar tensa por um segundo.

– O que? – Ele esperava ouvir outra preocupação, mas esse não era o jeito de Charlie.

– Todo mundo vai me dar tanta merda no Whirlwind amanhã, ela reclamou.

Suas risadas se misturaram no ar. – Sim, eles realmente são. E vou visitá-lo todos os dias e dar-lhe um grande beijo atrás do bar.

– Oh Deus. Por favor, me diga que você não está. – Ela gemeu, mas estava sorrindo.

– Oh sim. Eu quero todas as vivas e assobios de lobo e comentários sujos. Vamos distribuir colheres para que eles possam bater em seus copos. Você também merece atenção.

Ela revirou os olhos, mas o puxou para mais perto também.
– Eu acho.

– Este é o seu sonho, bebê. Eu não posso te dizer o quão orgulhoso terei de estar ao seu lado.

– Obrigada, – ela disse simplesmente. Mas ele percebeu que as palavras significavam muito para ela. Então, porque ela não conseguia ficar séria por muito tempo, ela acrescentou: – Só não diga a Dakota o que fizemos.

– Você quer dizer detalhes? Eu não estava exatamente planejando. O que fazemos na cama não é da conta de ninguém, mas da nossa.

Carla bufou. – Você sabe que vai acabar. Todos vocês gostam muito de falar sobre sexo. E Dakota vai ser um bastardo presunçoso quando eles ganharem essa aposta.

– Bem, teremos que dar a eles muito sobre o que conversar, então.

– Você sabe, eu não gosto de toda essa merda pervertida que você gosta. – Seu aviso foi meio sério, meio brincalhão.

– Ah, mas você gosta disso, eu acho. Podemos explorar isso juntos, ver do que você gosta. Mas agora, eu quero abraços. Chega de pensar.

Haveria muito tempo para isso mais tarde. Tempo para encontros e conversas tarde da noite e ir ao Whirlwind para fazer Charlie corar. Hora de explorar corpos e identidades e aquele lado submisso que deixava Carla quente só de pensar nisso. Hora de dizer a ela que ele estava louco de amor por ela assim que ela estivesse pronta para ouvir.

Eles tinham todo o tempo do mundo.

Fim



Obrigada!

Gratidão infinita aos leitores e revisores alfa que descobrem lacunas de desenvolvimento, erros de digitação e erros de continuidade, além de me aconselharem sobre suas experiências com várias identidades e corpos. Amber, Courtney, Michelle, Sarah e Amy, vocês são demais!

Como sempre, agradeço ao meu parceiro por me apoiar enquanto estou colado ao computador por muito mais horas do que digo que ficarei, praticamente todos os dias.

